



Universidade de Coimbra

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Estágio Pedagógico

# Relatório Final de Estágio

Ivon Augusto Gil Alves Brandão

2005115301

2011



Universidade de Coimbra

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

# **Relatório Final de Estágio**

## **Escola Secundária de Avelar Brotero**

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Dra. **Elsa Silva** e co-orientação do Professor **António Miranda**.

Ivon Augusto Gil Alves Brandão

Junho, 2011

**Esta obra deve ser citada como** “Brandão, I. (2011). *Relatório Final de Estágio*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.”

## **Agradecimentos**

Este espaço é dedicado àqueles que deram a sua contribuição para que este relatório fosse realizado. A todos eles deixo aqui o meu agradecimento sincero.

Em primeiro lugar agradeço a todos os meus familiares sem excepção (aos que cá andam e aos que já cá não estão) e em especial à minha mãe Isabel e à minha irmã Ana, pois sem o contínuo apoio que me deram, nunca me sentiria tão bem como senti na realização do estágio.

Em segundo, agradeço aos meus amigos de longa data, pois através da nossa convivência, voltava para casa mais bem-disposto após os dias difíceis de trabalho.

Deixo também uma palavra de agradecimento aos professores António Miranda e à professora Elsa Silva pelas suas orientações sempre pertinentes ao longo do ano e pela disponibilidade para atender às minhas dúvidas.

Não os querendo esquecer, deixo um abraço aos meus colegas de estágio, pela boa disposição com que realizámos os muitos trabalhos em comum.

Gostaria de deixar o parágrafo mais importante desta lista de agradecimentos para uma dedicatória especial ao meu irmão João:

Dedico-te todo o trabalho feito durante estes dois anos de Mestrado e dois anos da tua ausência. Sem dúvida que és a maior fonte da minha inspiração. Um abraço e até um dia...

## **Resumo**

Este documento constitui uma reflexão de todo o trabalho realizado como professor estagiário, na Escola Secundária de Avelar Brotero, referente ao ano lectivo de 2010/2011 e inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Realizado num único momento, tem como objectivo reproduzir detalhadamente todo o processo de planeamento, condução e reflexão ocorrido ao longo de todo o ano lectivo. Logo, o relatório final resumiu-se, a uma síntese da reflexão que se depreende contínua. Expoente máximo da prática, o planeamento e a leccionação constituem-se como o meio, por excelência, para adquirir um conjunto de competências, de forma a orientarmos a nossa acção para o sucesso. No global do texto são expostas as minhas expectativas iniciais, as principais dificuldades sentidas, bem como as aprendizagens e competências desenvolvidas ao longo deste ano lectivo.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico; Aprendizagens e competências desenvolvidas.

## **Abstract**

The following document represented here, is a reflection of all my work as a trainee teacher in Secondary School Avelar Brotero in Coimbra, for the academic year 2010/2011 and inserted into the Master of Teaching of Physical Education at Basic and Secondary Level, of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education from University of Coimbra. Performed in a single moment, aims to reproduce in detail the whole process of planning, conducting and reflection occurred throughout the school year. Thus, the final report summed up the synthesis of a reflection that can be seen in a continuous way. Pinnacle of the practice, planning and teaching are the means to acquire a skill set in order to orient our action to success. In the text overall are exposed my initial expectations, the main difficulties, as well as the learning and skills developed throughout this school year.

Keywords: Pedagogical Internship; Learning and skills developed.

# Índice

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO .....	II
ABSTRACT .....	III
ÍNDICE .....	IV
1. INTRODUÇÃO .....	1
2. EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO (PIF) .....	4
3. DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS:.....	6
<u>3.1.</u> PLANEAMENTO .....	6
<u>3.2.</u> REALIZAÇÃO .....	11
<u>3.3.</u> AVALIAÇÃO.....	14
<u>3.4.</u> COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL .....	19
4. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS .....	19
5. ENSINO APRENDIZAGEM.....	24
<u>5.1.</u> APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO .....	24
<u>5.2.</u> COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS.....	27
<u>5.3.</u> INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....	28
6. DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO .....	30
<u>6.1.</u> DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO.....	30
<u>6.2.</u> DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO OU FORMAÇÃO CONTÍNUA.....	33
7. ÉTICA PROFISSIONAL.....	35
<u>7.1.</u> CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE .....	35
<u>7.2.</u> IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO.....	36
8. QUESTÕES DILEMÁTICAS .....	38
9. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL .....	42
<u>9.1.</u> IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR .....	42
<u>9.2.</u> PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA .....	44
<u>9.3.</u> EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	45
10. PARA LÁ DO FUTURO .....	47
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	50

## 1. INTRODUÇÃO

*“Podemos converter alguém pelo que somos, nunca pelo que dizemos.”*

(H. Rohden)

Escrevo... escrevo ideias soltas que invadem a minha mente e não sei muito bem como passá-las para um pedaço de folha. Talvez sejam ideias desinteressantes, talvez sejam ideias únicas. Mais do que ideias, são sentimentos; sentimentos de quem não sabe viver sem os interpretar, sentimentos de quem quer pôr num papel, que outrora foi uma árvore, tudo aquilo que sentiu, sente e quer continuar a sentir. Mais do que palavras soltas, vivo a ânsia de estas serem o transparecer da minha pessoa, da minha vivência, das minhas convicções, palavras que surgem definidas em letras, pouco redondas, pintadas em tons de negro.

Serão estas as palavras de um momento de reflexão? Não só. Muito mais do que reflectir, este ápice de pensar e repensar, de me debruçar sobre a panóplia de conjunturas que vivi e vivo, as palavras que alguém lê, constituem a construção de um ser que quer tornar-se Homem. Homem, não no sentido físico e machista da palavra, mas sim que faz de si a imagem dos seus sonhos e que, no seu percurso, não quer perder a candura da sua infância.

### EU...

*“O primeiro passo para conseguirmos o que queremos na vida é decidirmos o que queremos.”*

(Ben Stein)

Relembro a infância pelos aromas que comandam a minha vida. Sentir o cheiro de cada pedaço do meu passado, faz-me reviver o que vivi noutros tempos. Infância feliz, onde uma mescla de amor constante e liberdade pura, se confundiam com as brincadeiras de criança. Vejo o filme da minha vida na retina dos meus olhos cansados e averiguo de como a felicidade pode ter significados e sentidos diferentes. Antes, era feliz porque me amavam, porque brincava no tempo da brincadeira, porque respirava as fragrâncias de um momento único e belo da minha existência. Hoje, sou feliz porque me amam, porque “brinco” no tempo do trabalho, porque construo as pegadas por delinear, numa areia sempre incerta.

Curiosamente, o vivenciar do meu passado conduziu à pertença do meu presente. A “cidade dos estudantes” coabitou com o meu ser, na plenitude do meu crescimento. Pois apesar de ter nascido na Invicta e vivido até ao meu 9º ano na Beira Alta (Meda), desde cedo, vinha muitas vezes a Coimbra visitar familiares que povoavam esta linda terra. Ela preencheu o meu coração e por onde, um dia mais tarde, desejava voltar a passar. Assim quis e assim foi. Voltei então mais velho, com alguns pêlos na face, com alguma timidez e expectativa, mas, acima de tudo, com muita vontade de mostrar que estava de “pedra e cal” decidido a triunfar na vida, como pessoa e como profissional. Ingressei então na Escola Secundária Infanta Dona Maria. Escola que para um jovem serrano, que nunca ligou, não liga e não vai ligar à escolha de locais para estar, pelo simples facto de que esses mesmos são frequentados pelos pseudo-intelectuais da sociedade.

Novas pessoas conheci, personalidade mais forte desenvolvi e Engenharia Informática foi o curso que escolhi. Porquê? Por motivos de força maior (saídas profissionais). Cedo vi que foi um erro e no ano seguinte retomei o caminho certo, que me levava à FCDEF-UC.

Quando ingressei na FCDEF-UC, o meu principal objectivo passava por investir na área do treino desportivo dada a minha experiência anterior como atleta federado de futebol e o gosto por diversas modalidades de alto rendimento. Assim aconteceu, chegado o terceiro ano da licenciatura, inscrevi-me na opção de natação I e II, pois sabia que o professor que leccionava estas cadeiras é de uma capacidade de ensino admirável. No entanto, com a frequência nas aulas de diversas cadeiras, principalmente as da componente prática, depressa me apercebi de como era incrível e fantástico dar aulas (versão escola), podermos ensinar algo, vermos com os nossos próprios olhos as pessoas crescerem com o nosso empenho e acção. Nunca me esqueço de como foi gratificante leccionar aulas de natação aos alunos do 1º ano e ver a sua evolução em sintonia com os nossos ensinamentos. Tenho a dizer, que o sentido do meu pensamento, antes de chegar ao ensino, passou e ainda passa muitas vezes pelo treino desportivo e de ginásio (outra paixão). Mas sem dúvida, que o poder ser professor de Educação Física, ficou também a ser umas das minhas paixões.

## **EU, A ESCOLA E O NÚCLEO DE ESTÁGIO...**

*"A educação é a maior riqueza de um povo"*

(Amaral Fontoura)

A escola que frequentei este ano foi escolhida em função destas três variáveis: localização (perto de minha casa); fama do orientador da escola (queria um orientador exigente, com o qual sabia que iria aprender muito); e a formação do Núcleo de Estágio com colegas conhecidos. Relativamente ao Núcleo de Estágio, este foi formado durante o 2º ano do Mestrado. Posso mesmo afirmar que tenho um enorme gosto em poder trabalhar com o António, Fábio e o Tiago. Para além de serem pessoas com uma excelente capacidade de trabalho, (a qual já tive oportunidade de verificar em anos transactos), são também três amigos com os quais tenho cultivado uma forte amizade durante os anos de curso. Para mim, realizar o estágio com as pessoas e o grupo que eu desejava era muito mais imperativo do que a escolha da escola. Esta afirmação prende-se, com o facto de trabalhar com indivíduos que, à partida, sabia que podia contar, o que de certa forma me dava uma enorme segurança.

## **O EU A CRESCER...**

*"Não há nada de nobre em sermos superiores ao próximo.*

*A verdadeira nobreza consiste em sermos superiores ao que éramos antes."*

(Autor desconhecido)

Crescer sem parar. O limite é o céu. Não queria crescer em tamanho, queria sim crescer como pessoa mas, principalmente, como profissional. Sempre entendi o estágio como o sol do amanhecer que suscita o desabrochar do girassol. Depois de muitos anos de vivência como aluno e de quatro anos de aquisição de conhecimentos e habilidades na FCDEF-UC, o estágio funciona como que um despoletar do mais belo e magnífico que habita dentro de nós. Expoente máximo da prática, o planeamento e a leccionação constituem-se como o meio, por excelência, para adquirir um conjunto de competências, de forma a orientarmos a nossa acção para o sucesso.

## **2. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (PIF)**

De facto, andei e ainda ando radiante com esta nova etapa da minha formação. Não posso no entanto omitir a enorme ansiedade que também me preencheu e que, de certa forma, tinha a sua razão de ser, pois estava a desempenhar uma função nova, com bastante responsabilidade num terreno novo e desconhecido, o que não deixa de ser um pouco assustador. Contudo, os desafios são sempre bem-vindos e sabia que me ia empenhar ao máximo, tentar dar o melhor de mim e estar sempre disposto para adquirir cada vez mais conhecimento, aprendendo com os erros e transportando comigo os aspectos positivos que adviriam do ano de estágio.

Sabia que o futuro que tinha pela frente ia apresentar dificuldades dado que, infelizmente o estágio pedagógico deixou de ser remunerado há alguns anos, o que por si só tem algumas implicações práticas no funcionamento do mesmo. Consciente da questão premente do processo de transição dos moldes de funcionamento do estágio, considero que o aluno estagiário deveria ser o menos prejudicado no referido processo. Contudo, tenho a perfeita noção que, por vezes, as coisas não correm como todos desejaríamos. Mesmo assim e dado o panorama nacional, depreendo que os esforços e acções realizados pelo Gabinete Coordenador do Estágio Pedagógico da nossa instituição de formação têm sido exemplares, o que eleva por si só os meus índices de confiança.

Pior do que se tratar de um período de transição, onde o aluno estagiário não é remunerado pelo trabalho realizado, outra questão se levanta, e esta, no meu entender, é capaz de deitar por terra até os melhores índices de confiança e motivação – realizar um estágio para funções que dificilmente qualquer um de nós (estagiários) realizará num futuro próximo, pelo menos, na função pública. Perante tal conjuntura tive que arranjar motivações noutras realidades, as quais passam pela vontade e sentido de querer ter uma formação que, apesar de poder não vir a ser utilizada em circunstâncias idênticas, de certeza absoluta que me fariam crescer no plano quer profissional, quer pessoal para conseguir um dia mais tarde singrar na vida.

Mas já que falo de motivações, não posso deixar de referir a maior de todas elas para qualquer docente – os alunos. Quando falo destes, não me posso esquecer que eles são a razão do processo de ensino-aprendizagem e é com eles que trabalhei. Se por si só os alunos são um factor de motivação para qualquer professor, não posso desprezar que

os mesmos também necessitassem de ser motivados e, por vezes, essa tarefa não foi fácil, ainda para mais na sociedade em que vivemos. Hoje em dia, tenho a perfeita noção que é muito difícil motivar os alunos, uma vez que os estímulos proporcionados pela escola são menos atractivos do que os oferecidos pelo exterior. Pretendi assim motivar os alunos, de uma forma geral, para o meio escolar e, de uma forma particular, para a disciplina de Educação Física.

Considero que a abordagem da Educação Física na escola tem de ser dotada de um ambiente atractivo e dinâmico, onde os alunos se sintam bem na realização das tarefas propostas. A disciplina terá de passar, conseqüentemente, pela abordagem de actividades diferentes, as quais possam motivar ainda mais os alunos. Procurei então, inculcar-lhes a responsabilidade que lhes cabe para que o processo de ensino-aprendizagem decorresse da melhor forma possível, tentando sempre proporcionar um ensino baseado na equidade. A tarefa de motiva-los para a adopção de uma postura activa, participativa, responsável e efectiva durante a prática das aulas de Educação Física não foi fácil. No entanto, procurei entender da melhor forma as suas necessidades, preocupações e dificuldades, para então corresponder positivamente a estas, criando situações de empatia e esforço conjunto e desenvolvendo um processo de harmonia constante com os alunos.

Fui e sou da opinião que, durante a minha formação, deveria continuar a ser exigente comigo próprio, mais do que tinha sido até à data, o que depreende alguma sinceridade nas ilações e conclusões que retiro do meu trabalho nomeadamente, neste ano que acabou, em relação às aulas que leccionei. Restava-me trabalhar e empenhar-me devidamente para que durante o ano pudesse melhorar as minhas capacidades e competências enquanto professor de Educação Física, bem como, crescer e atingir a realização no plano pessoal. No final do estágio esperava poder olhar para trás e saber que se alguma coisa correu mal ou algum patamar não foi atingido, tal não se deveu à minha passividade ou falta de empenho e dedicação. Afirmo-me hoje, mais do que nunca, como uma pessoa determinada e um ser que luta pelas suas convicções. Penso também, sinceramente, ter proporcionado aos meus alunos não só momentos de aprendizagem e trabalho, mas também momentos de alegria, divertimento e afectividade, assim como ter-lhes possibilitado uma formação e construção pessoal.

### **3. Descrição das actividades desenvolvidas**

- As opções tomadas individualmente ou em grupo tendo em conta os tópicos seguintes das actividades de estágio encontram-se no ponto “justificação das opções tomadas”.

#### **3.1 - Planeamento**

O processo de ensino e de aprendizagem na aula de Educação Física, pressupõe a elaboração de um plano de acção pelo qual o professor se orientará ao longo do ano. Esta planificação não surge de uma forma espontânea e aleatória, envolve, como qualquer processo de planeamento, várias etapas coerentes, faseadas no tempo e interligadas.

O planeamento é uma das tarefas fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem. O ponto-chave do planeamento reside na antecipação, orientação e controlo da actividade, isto é, procurar prever eventuais situações que possam ocorrer, minimizando a sua resolução através da improvisação.

Este tipo de trabalho permite ao professor confrontar-se com os problemas teórico-práticos permitindo a sua previsão de modo a reorientar e ajustar o processo ensino e de aprendizagem. É por isso que o planeamento se assume como uma das tarefas essenciais do professor, conjuntamente com a realização, a análise e a avaliação de todo este processo.

#### **Plano anual**

Na elaboração de um Plano Anual, o professor primeiro tem de analisar vários factores, para depois poder tomar as decisões mais apropriadas para os seus alunos.

Com a elaboração deste documento pretendemos compilar e simplificar toda a nossa acção futura como professor podendo, assim, construir um processo de ensino e de aprendizagem de forma organizada e coerente.

Como se sabe, o plano anual é um documento flexível, que pode e deve ser alterado à medida que o ano lectivo vai passando. Sabemos que num momento inicial, ele é construído através do que já é sabido ou seja, antes do primeiro dia de aulas (momento no qual conhecemos os nossos alunos e as suas características únicas), devemos analisar todos os factores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem. Entre eles encontra-se tudo o que envolve a disciplina de Educação Física no plano curricular (fase do plano de estudos; composição curricular do ano; competências gerais

e específicas do ano a intervir; a extensão da Educação Física e a relação entre as diferentes áreas e as decisões tomadas no departamento de Educação Física). A caracterização do meio. A caracterização da faixa etária. Os objectivos essenciais para o ano lectivo e a configuração da avaliação.

Tendo referido todos os tópicos e sub-tópicos que entendo como essenciais para a elaboração do plano anual, passo agora a uma breve descrição de cada um. Quanto à **fase do plano de estudos**, é-nos fácil de entender que em todas as idades, os objectivos de ensino vão-se alterando e por isso à partida, há que ter em conta a faixa etária com a qual vamos trabalhar. Já que falo na faixa etária, considerámos importante criar um documento de nome “**caracterização da faixa etária**”, para melhor compreender o estado evolutivo dos alunos nas diferentes idades. Percebendo onde se encontram os nossos aprendizes, aí sim podemos passar para o “degrau” seguinte da análise de factores. Outro factor importante para a realização do plano anual é a **composição curricular** do ano com o qual vamos intervir. Ora, daqui depreendemos que é importante o professor ter bem a noção das disciplinas que vai leccionar ao longo do ano, porque poderá precisar de preparação prévia devido à inexperiência, ou mesmo às constantes alterações que as modalidades vão sofrendo. Também é importante, interligar as diferentes modalidades que vamos abordar. Ou seja, há que ter em conta que a disposição no nosso calendário escolar das modalidades a leccionar, poderá ser mais ou menos proveitosa consoante a sua interligação. (exemplo: se existem transferes entre modalidades, convém que estas sejam leccionadas umas a seguir às outras, de modo a potenciar a aprendizagem nesses temas transferíveis). **As decisões do departamento de Educação Física** da escola, também entram na elaboração do plano anual. Posso dar o exemplo da Escola Secundária de Avelar Brotero, que tem como linhas orientadoras uniformizar os modos de acção de cada departamento, para que estes mais facilmente se interliguem. Ora, isto trará sem dúvida, alguns benefícios no que diz respeito ao melhor entendimento entre os diferentes grupos da escola, mas também traz, dificuldades no modo de actuar de cada departamento, pois retira alguma das suas especificidades necessárias para o planeamento dos seus documentos orientadores. Um dos exemplos é o caso da avaliação que no tópico das “questões dilemáticas” irei enunciar. A **caracterização do meio** é outro dos factores essenciais para a construção do plano anual. Todos sabemos que a escola, o seu redor, tanto a nível de infra-estruturas como a

nível humano, pode alterar muito consoante o local onde nos encontramos. Sendo assim, uma análise extensiva sobre este tópico é estritamente necessária antes de passarmos ao “degrau” seguinte. Falta apenas falar da **configuração da avaliação**. Todos deverão ter em conta três momentos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa). Mais tarde, com os dados retirados de cada um destes momentos, aí sim poderemos fazer alterações ao modo como a tínhamos configurado inicialmente. Posso voltar aqui a repetir que o plano anual é um documento flexível e com necessidade de ser constantemente modificado (melhorado).

Tendo finalizado a minha descrição acerca do plano anual e o que ele deve conter, passo à preparação necessária, para um bom arranque de uma modalidade (planeamento das Unidades Didáticas).

### **Planeamento das Unidades Didáticas**

“A planificação é o elo de ligação entre pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática. É uma actividade prospectiva situada e empenhada na realização do ensino” (Bento, 1987).

A abordagem a cada Unidade Didáctica fez-se pela Avaliação Diagnóstica, para aferir os conhecimentos e desempenho dos alunos na mesma, para depois leccionar os conteúdos e competências, e por fim, verificar a evolução ocorrida (Av. Sumativa).

Considerando a Unidade Didáctica como uma estrutura que se pretende facilitadora da acção educativa, principalmente para a prática do docente, à medida que o tempo foi passando, conseguimos ter uma melhor percepção da sua importância para a consecução das restantes planificações. É normal a primeira Unidade Didáctica ser a menos específica em relação à turma. Como ainda não temos todos os dados necessários em relação aos nossos alunos, ela é construída, olhando a factores de carácter mais geral (modalidade a leccionar; linhas orientadoras do programa nacional; indicações do departamento de E.F; ano com o qual vamos intervir; e também os objectivos gerais a atingir). Mas, tal como o plano anual, também este documento tem a característica de poder ser alterado ao longo do tempo. Com isto e depois de mais estudos referentes às nossas turmas, damos mais especificidade ao planeamento da U.D. Assim já podemos traçar objectivos específicos; delinear metas realmente atingíveis; fazer a interligação de conteúdos; escolher os exercícios que vemos como mais adequados para os nossos

alunos; e sim, tudo isto conjugado com os factores mais gerais do planeamento inicial da Unidade Didáctica.

No final da leccionação de cada Unidade Didáctica, foi realizada uma reflexão final, onde focámos o número de aulas, conteúdos, estratégias e metodologias adoptadas, avaliação, objectivos, balanço do desempenho dos alunos, dificuldades verificadas e reflexão final.

### **Plano de aula**

O plano de aula é a linha final que separa o planeamento da realização. É através dele que interligamos o plano a consequente acção desse mesmo plano. Ele contribui para que o processo de ensino-aprendizagem decorra de um modo eficaz e que seja bem sucedido. É também através dele, que se pretende evitar situações de imprevisto e o fracasso advindo delas. Fracasso este, não só num simples exercício da aula, mas porventura no conjunto de objectivos delineados para toda a sessão.

Segundo Bento (1987), “ Um outro aspecto importante da relação *objectivo - matéria* e do procedimento metodológico do professor na formação de habilidades motoras reside no ordenamento metodologicamente correcto dos diferentes exercícios corporais, com particular incidência no plano de ensino e nas séries ou sequências de exercícios”.

Os planos de aula têm de estar sempre em sintonia com a extensão e sequência de conteúdos da Unidade Didáctica em causa, garantindo assim que estes são construídos de forma coerente, tendo em consideração não só o que foi programado, mas também a evolução dos alunos e o grau de consecução das tarefas propostas no plano de aula anterior, garantindo assim a máxima adequação das tarefas.

É por isso que a procura do plano de aula perfeito é necessariamente precedida de muito estudo e muita preparação. Não só temos que conhecer muito bem a matéria que vamos leccionar, como também deveremos procurar os exercícios que melhor se adequam à nossa turma, aos nossos alunos e que eles próprios se adequem uns aos outros. Com isto quero dizer, que é de uma extrema importância, dar uma sequência lógica ao construto de tarefas a apresentar na aula. Se esta sequência for respeitada e os exercícios bem escolhidos, então podemos dizer que à partida o plano de aula foi bem construído. Mas, como nem tudo são rosas, também existem muitas variáveis que não se podem controlar. Variáveis que podem deitar por terra tudo o que nós preparámos. É

então aqui o momento em que é importante dizer que o plano de aula, não deve apenas conter o tal construto em função das condições óptimas. É necessário haver uma reflexão prévia, de modo a antecipar todas as condições não esperadas durante a aula. O plano de aula também serve para isso: como uma preparação para os casos não esperados (exemplo: condições atmosféricas adversas). Por isso é que existem os chamados planos B, C, etc. Mas não devemos esquecer, que estes outros planos, também devem seguir a mesma linha de pensamento dos anteriores. Ou seja, escolha de exercícios, interligação entre os mesmos e especificidade da turma e seus alunos.

Como já falámos do modo como o plano de aula deve ser pensado, passo agora à maneira como ele é construído. Para mais facilmente entender o que se pretende de um bom plano de aula, devemos olhar para ele da seguinte maneira: **o que queremos ensinar** à turma e seus alunos; **como o vamos fazer** ou através de que meios e condições; e no fim, falar do **que desejamos observar** durante a aula para saber que os exercícios foram bem sucedidos ou não.

Começo então pelo primeiro ponto (o que se pretende ensinar): neste tópico do plano de aula deveremos escrever os conteúdos que pretendemos abordar na aula e a sua descrição (exemplo: manchete e as suas componentes críticas). Como dentro de uma turma existem vários grupos de nível, também é importante referir alguns dos feedbacks já pensados e que sabemos que serão importantes para os diferentes níveis.

No ponto que se refere a como vamos ensinar um conteúdo, devemos ter em atenção o espaço disponível, os grupos de nível (se têm tarefas iguais ou diferentes; se trabalham em grupos homogéneos ou heterogéneos); o tempo que pretendemos dar à tarefa (mesmo não sendo obrigatório cumpri-lo); e para que este demonstre um bom estudo reflexivo na sua construção, também pode ser acompanhado das justificações das opções tomadas pelo professor.

Por fim, falta falar do tópico do plano de aula que se refere ao que se deseja observar. Este tópico pode ser denominado de critérios de êxito. Estes critérios podem ser ainda divididos em critérios de êxito do aluno, do grupo de alunos, da turma e também do professor. Se reflectirmos bem, acerca de tudo o que desejamos observar na aula em função do que queremos ensinar, demonstramos assim através da escrita, que nos preparámos bem, ao mesmo tempo (e mais importante) que assim ficamos com a certeza se os alunos atingiram ou não os objectivos delineados para a tarefa.

### 3.2 - Realização

Todos concordamos que para se aprender melhor, será necessário ensinar-se bem. Para isso teremos então que usar as técnicas adequadas de ensino, ou seja, deveremos apresentar informação assertiva e de um modo esclarecedor, organização de grupos adequada, fornecer correcções atempadas e que sejam pertinentes e fazer uma boa gestão dos materiais e espaços disponíveis. Esta constatação mostra-nos a possibilidade de antecipar muitos dos comportamentos e funções, muitos problemas e também muitas soluções. A isto chama-se técnicas de ensino. Siedentop, D. (1983), diz-nos que “a técnica de ensino é um conceito reservado, para procedimentos concretos de ensino, muitas vezes característicos de certas áreas ou tipo particular de objectivos.” Acrescenta ainda que estas mesmas técnicas “correspondem a procedimentos de ensino de grande nível de especificidade.”

Antes de começar a descrever os domínios do processo de ensino-aprendizagem, é importante referir que o professor que melhor uso faz destes domínios na sua aula é o chamado de professor eficaz. Para Piéron, o professor eficaz é aquele que fornece informação de retorno frequente; controla o tempo dos seus alunos passado nas tarefas; mantém durante toda a sessão um clima positivo, ou seja, que é propício para a aprendizagem; e que tem uma organização cuidada (boa preparação para uma boa realização). Não há uma estratégia de ensino ideal: depende da capacidade do professor proporcionar tempo potencial de aprendizagem considerando os objectivos e as situações concretas. “Uma estratégia de ensino é uma forma de organizar as condições de ensino-aprendizagem com o objectivo de facilitar a movimentação do aluno de um estado potencial de capacidade para um estado real” (Carreiro da Costa). “As estratégias de ensino traduzem-se nos procedimentos e actividades que os professores utilizam para alcançar os objectivos do programa de formação” (M. Piéron).

Agora sim passo à descrição dos domínios da intervenção pedagógica. São eles a **instrução, a gestão, o clima e a disciplina**. Eles “são um agrupamento didáctico das Técnicas de Intervenção Pedagógica numa taxonomia destinada a estudá-las analiticamente sem perder de vista a globalidade da competência a ensinar”. (1)

(1) Material cedido pela Professora Dra. Elsa Silva na Disciplina de Didáctica da Educação Física e do Desporto Escolar. Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básicos e Secundário. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra.

A **instrução** é a dimensão que engloba todos os momentos nos quais existe passagem de informação entre os agentes de ensino (professor para o aluno). Ela pode ser dada no início da aula, durante e no final da mesma, mas o que se pretende, é que seja esclarecedora, enriquecedora e que tanto a aula (em organização), tanto os alunos (em aprendizagens), saiam a ganhar quando ela é aplicada. A prelecção, o questionamento, o feedback e a demonstração são diferentes tipos de instrução.

“Toda a comunicação de informação exige atenção da parte de quem recebe a mensagem. Existem, num espaço desportivo, tantas possibilidades de distração que captar a atenção dos alunos torna-se, simultaneamente, necessário e, por vezes, delicado” (Piéron, 1996). Para facilitar a transmissão, podem ser consideradas algumas técnicas de intervenção pedagógica dentro desta dimensão: o diminuir o tempo passado em explicações na aula; o acompanhar a prática subsequente ao feedback (fechar ciclos de FB); o aperfeiçoar o feedback pedagógico, o controlar a prática dos alunos, etc. Poderia ficar aqui a enumerar diversas técnicas que um professor poderá trabalhar, de modo a que a instrução fornecida seja mais produtiva, mas o essencial, é saber que ela deverá fazer parte do reportório do professor para informação substantiva (com conteúdo/qualidade/substância).

Como segunda dimensão da intervenção pedagógica temos a **gestão**. Esta palavra remete-nos logo para uma outra que é o controlo. Ou seja, o professor durante as suas aulas deverá controlar o clima emocional da sessão, a gestão do comportamento dos alunos e a gestão das situações de aprendizagem. O clima emocional está intimamente ligado à gestão do comportamento dos alunos, pois é através da variação do primeiro que o comportamento dos nossos aprendizes vai variando. Considera-se uma gestão eficaz, aquela que através do comportamento interventivo do professor, se traduz num maior envolvimento dos alunos nas actividades das aulas e que ao mesmo tempo diminui os comportamentos inapropriados destes. Também faz parte de uma boa gestão da aula, o uso eficaz do tempo. E quando dizemos eficaz, estamos a falar de um incremento do tempo potencial de aprendizagem, pois é através deste que aferimos a maior ou menor qualidade gestativa da aula. E no final o que se pretende? Pretende-se realizar uma aula onde os nossos alunos tenham todas as condições para aprender os conteúdos definidos para a mesma. É por isso que “O empenhamento motor do aluno

nas tarefas que lhe são propostas representa uma condição essencial para facilitar as aprendizagens” (Piéron, 1996).

O **clima** baseia-se no ambiente vivido durante uma aula. É apenas com climas saudáveis, e quando digo saudáveis, refiro-me a ambientes propícios para uma aula ser leccionada, que o professor tem a possibilidade de transmitir todos os seus conhecimentos aos alunos, sem que haja interrupções desnecessárias. O clima refere-se aos aspectos da intervenção pedagógica que se relacionam com as interações pessoais, as relações humanas e o ambiente. Quando nos referimos às interações pessoais, falamos de um professor que deve ser consistente nas suas atitudes, que demonstre entusiasmo a dar aulas, que controle as suas emoções, que seja sempre credível, positivo e sem esquecer a exigência.

Segundo Siedentop (1998), “Existem muitos professores de Educação Física para quem é suficiente os seus alunos comportarem-se de forma apropriada e estarem divertidos a praticar uma actividade desportiva”. É fácil perceber que não é apenas esse o objectivo pretendido para as nossas aulas. Sim, devemos controlar os alunos e levá-los a comportarem-se devidamente, mas também é importante, que após este controlo, devamos usar este ambiente como uma oportunidade perfeita para canalizar a vontade dos alunos em participar nas aulas e aprender os conteúdos definidos inicialmente.

Siedentop (1998) defende que a **Disciplina** “é importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há nenhuma dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”. Não temos dúvidas sobre o que Siedentop nos diz. Resta-nos agora reflectir sobre o modo como melhor empregar a disciplina nas nossas aulas. Sabemos que ela se relaciona em muito com o clima presente na aula. Sendo este clima também influenciado em muito pela boa capacidade gestativa humana e material do professor e pela qualidade que ele aplica a instrução.

Sabemos que existem dois tipos de comportamentos. Os apropriados e os inapropriados. O que desejamos com os estudos comportamentais dos alunos, é arranjar as melhores estratégias, de modo a anular todos os inapropriados. Sendo assim é importante saber quais os tipos de comportamentos inapropriados existem. São eles os “fora da tarefa” e os “de desvio”. Há que ter a noção dos maus comportamentos que

devemos dar atenção ou não. Os que são fora da tarefa, devem muitas vezes ser ignorados de modo a não prejudicar o desenrolar da aula. Já com os de desvio temos que ter um cuidado diferente. Estes são os comportamentos indisciplinados que merecem a intervenção do professor, podendo ser ela, repreensiva ou punitiva. Para finalizar, falta dizer que é através do modo que o professor intervém que estes comportamentos não desejáveis conseguem ser abolidos ou não. É extremamente importante que o professor seja sempre pertinente quanto à escolha do momento de intervenção, justo quanto à repreensão ou punição, coerente entre intervenções, consistente para não deixar passar nenhum caso em branco e credível, punindo apenas nas situações devidas.

### 3.3 - Avaliação

Interessa-nos a nós profissionais de Educação Física o que vai ser ensinado, mas, interessa-nos ainda mais como vai ser ensinado. A aprendizagem de qualquer actividade física não pode ser realizada sem uma cuidadosa e adequada metodologia que contempla como não podia deixar de ser a "avaliação".

A avaliação assume em todo o processo Ensino-Aprendizagem um papel de extrema relevância, proporcionando ao professor todas as informações que necessita, para regular a actividade desenvolvida, uma vez que:

- A avaliação permite-nos saber o nível inicial dos alunos;
- Permite controlar o processo (ensino-aprendizagem), durante todo o ano lectivo;
- Permite a classificação dos alunos no final de cada período.

O processo de avaliação caracteriza-se não só pelo seu carácter avaliativo, mas também pela sua função reguladora, tanto relativa à actividade do aluno, como também do professor. Assim, possibilita-nos efectuar alterações dos conteúdos sempre que necessário, de forma a ajustarmos estes à realidade com que nos deparamos ao nível da turma. Este modo de processo de avaliação e controlo do processo de ensino-aprendizagem é constituído por 3 momentos de avaliação:

1.º Inicial (no início da U.D.) - de carácter diagnóstico, onde o principal objectivo reside em identificar o nível e a capacidade de desempenho motor dos alunos,

para melhor ajustar os objectivos da Unidade Didáctica, e escolher os conteúdos mais adequados às características dos alunos;

2º Permanente (durante a U.D.) - de carácter formativo, onde o principal objectivo será regular o processo e verificar se as actividades seleccionadas, as atitudes dos alunos, o material didáctico e as estratégias adoptadas, são as mais adequadas à turma;

3º Final - de carácter sumativo, permite-nos verificar se os objectivos foram ou não alcançados.

As principais referências no processo de avaliação dos alunos incluem o tipo de actividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades, comuns às áreas e subáreas da Educação Física e as que caracterizam cada uma delas.

Considera-se que o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objectivos gerais. O grau de sucesso ou desenvolvimento do aluno no curso da Educação Física corresponde à qualidade revelada na interpretação prática dessas competências nas situações características.

Os critérios de avaliação foram estabelecidos pela escola, mais propriamente, pelo Departamento de Educação Física e pelo professor permitindo determinar, concretamente esse grau de sucesso. Os critérios de avaliação constituem, portanto, regras de qualificação da participação dos alunos nas actividades seleccionadas para a realização dos objectivos e do seu desempenho nas situações de prova, expressamente organizadas pelo professor para a demonstração das qualidades visadas.

Os critérios de avaliação estão agrupados em 3 domínios distintos, dentro dos quais podemos encontrar vários parâmetros com diferentes percentagens. No caso da Escola Secundária de Avelar Brotero neste ano de 2010/2011, estas percentagens estavam dispostas da seguinte maneira:

- Domínio Sócio-afectivo (Saber Estar) – 5%
- Domínio Psico-motor (Saber Fazer) – 85%
- Domínio Cognitivo (Saber) – 10%

Os processos e os resultados da avaliação devem contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, também, para apoiar o aluno

na procura e alcance do sucesso na Educação Física no conjunto do currículo escolar e noutras actividades e experiências, escolares e extra-escolares, que marcam a sua educação, directa ou indirectamente, representadas neste programa.

Os procedimentos aplicados devem assegurar a utilidade e a validade dessa apreciação, ajudando o aluno a formar uma imagem consistente das suas possibilidades, motivando o prosseguimento ou aperfeiçoamento do seu empenho nas actividades educativas e, também, apoiando a deliberação pedagógica.

Este processo de avaliação contempla 3 tipos de avaliações distintas:

- Diagnóstico;
- Formativa;
- Sumativa.

Estes três tipos de avaliação ocorrem em situações particulares e distintas da U.D., apesar de se complementarem entre si.

### **Avaliação Diagnóstica**

As avaliações diagnósticas, no caso da Escola Secundária de Avelar Brotero, foram realizadas nas primeiras aulas de cada U.D., e tinham como objectivo caracterizar a população alvo à qual se destina a U.D., indicando-nos assim o nível inicial dos alunos, as suas dificuldades e capacidades.

A concepção de Ribeiro, (1999) diz-nos que “a avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores (...).”

Assim, através desta avaliação, de carácter informativo, é possível ter uma perspectiva do nível que os alunos poderão atingir no final da U.D., permitindo-nos ajustar os objectivos comportamentais terminais, previamente definidos, adaptando-os à realidade da turma.

Esta avaliação foi realizada em situações analíticas e/ou de jogo, de acordo com as características da modalidade em questão. É também importante referir que esta foi feita através da observação directa da execução dos elementos técnicos e/ou táticos, contidos na ficha de observação diagnóstica. É assim uma avaliação criteriosa, baseada numa justaposição do desempenho motor dos alunos com os critérios de êxito previamente definidos.

### **Avaliação Formativa**

No que concerne à avaliação formativa, segundo o despacho normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro, “esta deve estar incondicionalmente presente, assumindo um carácter contínuo e sistemático e visando a regulação do ensino”. Por sua vez, Ribeiro (1999), salienta que a avaliação formativa deve determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino e identificar dificuldades de forma a dar-lhes solução, aproximando-se aqui da função da avaliação diagnóstica.

Esta avaliação assume um papel fundamental na regulação (por parte do professor e dos alunos) de todo o processo de ensino-aprendizagem, permitindo ao mesmo tempo uma avaliação contínua dos alunos, tornando todo este processo mais rigoroso, justo e criterioso. Assim, esta avaliação utiliza-se com o objectivo de conhecer e acompanhar o progresso dos alunos relativamente aos objectivos a alcançar. É importante referir que com esta avaliação contínua não pretendemos classificar os alunos, mas sim obter todo um conjunto de informações que nos permitam avaliar a qualidade do processo de instrução e, se necessário, reorientá-lo/reestruturá-lo ou em último caso reformulá-lo por completo.

A concretização prática deste tipo de avaliação assenta na observação da execução das tarefas propostas, confrontando o aluno com o seu desempenho e os objectivos previamente traçados. Assim, iremos procurar ajustar a estratégia à necessidade, contemplando o questionamento, como mais um meio de recolha de informação, avaliando os domínios: psico-sociais, cognitivos, condição física e habilidades motoras, dando ainda especial incidência à recolha de indicadores de carácter disciplinar e relacional.

Posteriormente é realizada uma comparação com a avaliação diagnóstica, de forma a podermos proceder a uma avaliação/reformulação do processo de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, é realizada uma observação directa, por parte do professor, registando e controlando a prática dos alunos aula após aula, sobre um determinado conjunto de aspectos que lhe pareçam mais relevantes e importantes. Deve assim ter como base os seguintes critérios: Assiduidade e pontualidade; Comportamento disciplinar; Participação nas tarefas propostas; Pertinência da intervenção oral do aluno;

Evolução/progressão na aprendizagem; Rigor e precisão nas tarefas; Utilização correcta do material.

O professor deve proporcionar aos alunos tarefas adequadas ao seu nível, ajudando-o na sua evolução, proporcionando-lhe também o tempo necessário na tarefa para a aprendizagem da mesma. Ao realizarmos este acompanhamento contínuo de cada aluno, poderemos criar situações de aprendizagem para cada um ou para um grupo de alunos, consoante o seu grau de dificuldades.

Assim, todo o processo de ensino-aprendizagem ficará sujeito a esta avaliação, que nos fornecerá muita informação, e nos permitirá, a qualquer momento, realizar as alterações necessárias, com vista ao sucesso final desse mesmo processo.

### **Avaliação Sumativa**

Segundo o despacho normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro, a avaliação sumativa “consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”. Assim, segundo Ribeiro (1999), “a avaliação sumativa torna-se pertinente no final de um segmento longo de aprendizagem, correspondendo a um balanço final”.

Este tipo de avaliação tem como principal objectivo o balanço final da Unidade Didáctica. É após a realização desta avaliação que o professor analisa se os objectivos inicialmente propostos foram, ou não, cumpridos. É também um ponto de partida para a aquisição de um maior desempenho do professor, na medida em que se este fizer uma reflexão crítica, poderá ver o que de melhor ou pior se verificou no processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação sumativa corresponde à fase de balanço das aquisições da actividade, ou seja, tem como finalidade classificar os alunos no final de um período relativamente longo, neste caso da unidade didáctica.

É realizada nas últimas aulas da Unidade Didáctica, sendo constituída por exercícios idênticos aos realizados nas aulas, permitindo observar os comportamentos dos alunos nos conteúdos abordados, de forma a aferir a sua progressão na aprendizagem e a consolidação dos conhecimentos.

Esta avaliação é realizada segundo os objectivos definidos anteriormente para as quatro categorias transdisciplinares, bem como a evolução dos alunos durante a realização das aulas referentes à Unidade Didáctica em questão.

### 3.4 - Componente ético-profissional

A ética profissional define-se pelo conjunto de todas as normas de conduta, que o profissional deverá pôr em prática no exercício da sua profissão. Por isso, ao assumir a sua profissão, o profissional está a assumir também a responsabilidade que advém da sua prática.

No nosso caso, comprometemo-nos com a aprendizagem dos alunos. E para isso, deveremos respeitar todas as normas ético-profissionais. Ou seja, perante os nossos alunos, devemos exercer as actividades com justiça, competência, responsabilidade e honestidade. Devemos zelar sempre pelo preparo próprio (moral, intelectual e físico). Muito importante, é manter-se sempre actualizado, ampliando os nossos conhecimentos técnicos, científicos e culturais, tudo em benefício da nossa profissão. Ao comprometermo-nos com estas normas, também somos obrigados a responsabilizarmo-nos por eventuais falhas cometidas nas nossas actividades profissionais, independentemente de esta ter sido praticada em individual ou em grupo.

Como no final o importante é assistir os nossos alunos, então devemos atender com total presteza, qualquer solicitação dos mesmos, sem aplicar nenhuma atitude discriminatória. Para finalizar, falta dizer apenas, que como o nosso trabalho envolve não só os alunos, mas uma comunidade inteira (aluno, escola, família, etc.), então também devemos colocar os nossos serviços profissionais à disposição da comunidade, sempre em prol dos deveres profissionais e nunca para retirar vantagens pessoais.

## 4. Justificação das opções tomadas

É óbvio que inúmeras decisões foram tomadas ao longo do ano para a escola, para a turma e para os alunos. Neste tópico falaremos apenas daquelas que entendemos como as principais e que influenciaram o decorrer do ano lectivo.

Começo por falar a nível do **planeamento**. Desde cedo, vimos que o facto de sermos quatro estagiários, que já se conheciam há uns bons anos, poderia jogar a nosso favor. Ou seja, com muitas reuniões para reflectirmos em conjunto, conseguiríamos atingir um nível de preparação bem superior, comparada ao mesmo trabalho mas individual. Por isso considero esta, a primeira grande opção tomada pelo núcleo de estágio, que é o de aproveitar ao máximo os trabalhos que poderiam ser pensados, elaborados e realizados em conjunto. Outro aspecto importante é que mesmo aquelas

tarefas que eram individuais podiam ser melhoradas com a reflexão conjunta (quatro cabeças pensam melhor que uma).

Passo agora às opções tomadas, relativas à construção do planeamento das Unidades Didácticas. O primeiro a ter em conta foi as modalidades que iríamos leccionar. Queríamos organizá-las com a disponibilidade dos espaços (óbvio), mas, caso fosse possível, dispô-las de um modo que pudéssemos estabelecer relações inter-modalidades (exemplo: é preferível colocar o futebol a seguir ao andebol e não uma natação, porque estes primeiros possuem muitos conteúdos similares e que podem ser transferíveis entre eles). Com esta correcta disposição de modalidades, conseguimos atingir objectivos mais ambiciosos dentro de algumas Unidades Didácticas.

Ainda na conversa sobre o planeamento, vamos agora falar sobre os planos de aula. Aqui tínhamos várias opções. Plano de aula com muita informação, com pouca (para ser mais rapidamente legível), com/sem grafismos, etc. Optámos pelo caminho mais trabalhoso sem dúvida. E porquê? Todos sabemos que num ano de aprendizagens que é o de estágio, é importante estudar muito bem tudo o que vamos abordar. E não é através de algumas linhas soltas nos planos de aulas, a dizer o nome da tarefa e como vai ser organizada, que nos treinamos para um futuro exigente como é o de hoje. Sendo assim, decidimos criar um documento que nos permitisse estudar e reflectir sobre a aula enquanto o construíamos. Para isso, tínhamos que escrever tudo o que achássemos importante não só para os alunos mas também para nós, professores. O plano de aula teria então de ter, os conteúdos a abordar; as estratégias que iam ser utilizadas para os leccionar; o porquê da escolha desses mesmos conteúdos e os exercícios usados para os inserir (fundamentação teórica); a organização da tarefa, com uma mistura de grafismos (porque uma imagem vale mais que mil palavras) e texto descritivo; Os feedbacks pensados que iriam ser aplicados nos diferentes exercícios; E os critérios de êxito em cada tarefa (do professor, da turma e dos alunos). Penso que com toda esta informação, não só mostrávamos o nosso trabalho preparatório, como também nós próprios evoluíamos mais através da procura do plano de aula perfeito.

É para **realização** das nossas aulas e para as actividades da escola, que a maioria dos momentos reflexivos se dirige (em grupo ou individuais). Sendo assim, é importante que depois de um estudo pormenorizado dos nossos alunos e do que os rodeia, devemos tomar opções para lhes transmitir os conhecimentos da melhor forma

possível. Para isso pensámos em várias formas de actuar (estratégias de ensino) antes de iniciarmos as nossas aulas.

Vou dividir as minhas opções em função das diferentes dimensões de intervenção pedagógica. Quanto à instrução, optei sempre por um estudo extensivo acerca do que iria leccionar para depois me sentir à vontade na transmissão dos conhecimentos. Na prelecção inicial, tentava ser o mais breve possível, mas queria tudo o que dissesse, saísse de forma clara. Assim saberia que eles ouviriam o que tinha a dizer e poupava minutos para o tempo potencial de aprendizagem (objectivo: muito tempo potencial de aprendizagem nas aulas). Quanto aos feedbacks usados, tentei sempre fazer um misto de correctivos e motivadores, pois sabemos que apesar de os correctivos são aqueles que vão fazer com que o aluno possa corrigir os erros e evoluir, os motivadores é que mantêm os nossos alunos nas aulas. Privilegiei sempre o feedback individual porque as dificuldades dos alunos têm sempre algo de específico. Logo uma boa análise do erro e uma correcção pertinente e atempada são sempre muito importantes. Também sei que o feedback dirigido ao aluno é sempre mais marcante e por isso sabemos que eles nos estão a ouvir. O de grupo tem lacunas nessa área de intervenção. Ainda assim, não esquecia o feedback de grupo ou à turma (muitas vezes utilizado para a organização da aula). Tentei usar o maior número de vezes possível o questionamento porque não só é importante para abordar conteúdos forçando o aluno a pensar no assunto, como também serve de elemento integrador à aula. Quero dizer com isto que, um aluno ou grupo de alunos ao ser questionado, vai sentir-se mais ligado à aula e aos seus objectivos. Quanto à demonstração foi-me fácil decidir o que fazer. Tendo em conta o que acredito, é que o professor deverá sempre fazer as demonstrações (e nesse campo tive facilidades em todas as modalidades leccionadas), mas, não parando por aqui, falta-me dizer que também acho pertinente de tempo a tempo ir pedindo a alguns alunos que demonstrem. A justificação de ser o professor a demonstrar, tem a ver com o facto de ser importante o mostrar mestria em todos os assuntos que aborda, para que os alunos sintam que podem confiar nele como educador. Outro argumento a favor é que assim controlamos a demonstração a 100% (sabemos o que vai sair dela). Para justificar a demonstração por parte do aluno, tenho que falar em duas vertentes: boa e má demonstração. Aceito que muitos professores com dificuldades em executar certos gestos técnicos usem os alunos com nível de aptidão mais elevada para

demonstrar. Quanto às más demonstrações, ou demonstrações com erros, têm que ser usadas com muito cuidado. Devemos ter em conta a exposição a que estamos a submeter os nossos alunos perante o olhar dos outros. Mas falei nelas, porque há autores que defendem o uso destas, pois assemelham-se mais à realidade do aluno. Ou seja, eles compreendem melhor um gesto bem ou mal efectuado quando são alunos a executá-lo.

Passo agora às opções tomadas em relação à **gestão** das minhas aulas. Quanto à gestão do tempo, dei sempre prioridade ao tempo potencial de aprendizagem, pois é através dele que damos as oportunidades de aprendizagem aos nossos alunos. Sendo assim, tentei arranjar estratégias que me fizessem ganhar tempo (exemplo: transição entre exercícios sem paragens. Dava ordens simples para eles começarem uma tarefa e ia especificando-a já com os alunos em prática). Havia no entanto sempre, situações em que era importante parar tudo e ter uma conversa com os alunos acerca do que se iria abordar. Da gestão humana, posso falar acerca da formação de grupos. Dependendo do que iria abordar e também da fase da U.D, usei grupos homogéneos e também heterogéneos. A justificação tem a ver com o que me permitia fazer com que os alunos aprendessem melhor sem esquecer a motivação. Houve casos que usava grupos homogéneos devido à dificuldade das tarefas (tarefas diferentes para grupos de nível distintos). Noutros, como a tarefa era igual e tinha que ter em atenção a motivação de alguns alunos que poderiam sentir-se “de parte”, usava grupos heterogéneos. Com estes, sabia que todos os alunos se sentiam incluídos no grupo da aula e tinha vantagens tais como: alunos de nível mais baixo têm bons exemplos ao seu lado para verem gestos correctos. Alunos de nível mais alto, têm a oportunidade de ajudar os seus colegas com mais dificuldades e evoluir assim também outros aspectos importantes da nossa área, como o desenvolvimento de valores como entajuda, cooperação e respeito.

A verdade é que gosto de escrever, mas temo que me esteja a alongar demasiado. Sendo assim falarei do **clima** e da **disciplina** em conjunto no mesmo parágrafo e serei muito mais sucinto e directo. Para mim é simples. Temos o objectivo de pôr os alunos a trabalhar nas nossas aulas e bem. Por isso comecei com estilo de ensino do tipo comando para lhes mostrar que terão desde cedo trabalhar e respeitar o professor para atingir a nota pretendida. Mais tarde e apenas quando sentir que os alunos já conseguem ter mais liberdade sem perder a capacidade de trabalho, usei outros estilos tais como o “por tarefa” e o de “descoberta guiada”. Primo o uso destes tipos de

ensino em certas fases da U.D. pois são levam os alunos a ganharem autonomia, que é muito importante para o desenvolvimento individual e ajuda-me a ter possibilidade de ficar mais tempo com outros alunos com dificuldades específicas. Quanto ao modo de estar na aula, sempre fui ao longo do ano um professor disciplinador que não aceita qualquer tipo de comportamento desviante. Acho importante passarmos esta imagem desde muito cedo para mais tarde e com a comunicação assertiva, fazer com que os alunos nos respeitem mas que saibam que podem contar connosco para tudo. Quanto ao clima da aula, conjugado com uma boa disciplina, tentei que fosse sempre alegre e que levasse os alunos a terem vontade de irem às aulas para trabalhar, mas sempre respeitando o professor e os colegas. Tudo isto para fazer com que a aula rendesse o máximo.

Na área da **avaliação**, respeitando todos as informações do programa nacional, os documentos da escola e mais especificamente os do departamento de E.F. conjuguei tudo e avaliei os meus alunos em função da sua especificidade. Porquê? Porque não iria avaliar os meus alunos com um documento do departamento de E.F. que no caso do Basquetebol, Voleibol (por exemplo), apenas tem critérios gerais mais virados para conceitos táticos de jogo. Por isso decidi também eu criar documentos que me permitissem aferir mais correctamente o verdadeiro nível dos meus alunos. E na realidade, o que se quer é mesmo que o professor adeque todos os meios necessários em função da especificidade dos seus alunos. Também quero aqui dizer que achei importante criar “check-lists” de erros para avaliações formativas da minha turma. Justifico isto com a necessidade que senti em criar documentos de malha mais fina para aperceber-me das dificuldades dos meus alunos e depois ajustar os exercícios e a construção das aulas seguintes em função destes alunos e suas dificuldades.

Para finalizar, falta falar das opções tomadas no que concerne à **componente ético-profissional**. Tenho a dizer que me comprometi a apresentar aos meus alunos o melhor de mim em todas as áreas possíveis. E porquê? Porque sei o que este cargo acarreta. Só apenas provando que sou assíduo a 100%, pontual a 110%, me preparo a 120% e que desempenho todas as tarefas a 200%, é que me estou a afirmar como um verdadeiro profissional que quer levar esta vida para concretização própria e para o bem de todos que o rodeiam (alunos, funcionários da escola, familiares, etc.).

## 5. Ensino aprendizagem

### 5.1 - Aprendizagens realizadas como estagiário

O processo de ensino aprendizagem era, em todas as aulas, sujeito a uma reflexão “a quente” logo no seu final, em parceria com o Orientador. O facto de, o orientador estar presente em todas as aulas, é, sem dúvida, um ponto a favor do estudante-estagiário. Não vou dizer que, inicialmente, a sua presença constante nas minhas aulas não me tenha incomodado um bocado. É óbvio que incomodou. Contudo, na terceira aula, apercebi-me da postura do Orientador e do modo como este permanecia discreto, no espaço da minha aula.

Eu estava sempre muito preocupado em fazer tudo direitinho, já que era observado constantemente. Com o passar do tempo e depois de alguns momentos de reflexão, deparei-me com uma situação – se queria aprender e evoluir como profissional de Educação Física, tinha que arriscar mais e não me cingir ao normal e simplista, para que tudo corresse sempre muito bem. Comecei, então, a dar largas à imaginação e a ter um papel mais inovador nas minhas aulas, deixando um pouco de lado a preocupação de que tudo corresse sempre de feição. Descobri, com o tempo, que por vezes é preciso dar “um passo atrás para andar dois em frente”. O errar faz, sem dúvida, parte da minha formação como pessoa e como docente. Só experimentando e errando é que consigo evoluir. Quem pouco ou nada experimenta e inova, nunca terá hipótese de vivenciar o novo, o melhor e o mais eficaz.

A minha evolução como futuro profissional de Educação Física, não teria sido a mesma se, depois de errar, alguém me viesse apenas dizer onde, porquê e como errei. Neste campo, o Orientador teve um papel primordial e de colaboração estreita comigo. As suas críticas procuravam a construção e não o “deita abaixo”. Sempre algo a acrescentar e nunca a depreciar.

Desde cedo, apercebi-me que tinha muito para aprender, reconhecendo que a experiência que me acompanhava das didácticas, que tinha tido na faculdade, não era suficiente. Esta baseava-se num modelo prático e desvirtuado da leccionação de aulas, dois, três professores davam aulas a metade de uma turma e a alunos que adoravam desporto. Logo de início me apercebi que controlar uma turma de 26 alunos (inicialmente) e 23 mais tarde não era tarefa fácil. Contudo, consegui estabelecer uma boa empatia com esta, embora tenha sido inicialmente um pouco directivo, para que

percebessem que não podiam fazer o que queriam, mas, e só apenas, o que eu deixava. A turma respondeu bem às minhas exigências e, desde cedo, a relação funcionou bem.

Para além da adaptação inicial que se mostrou ser extremamente educativa, de seguida veio a conjugação entre a teoria aprendida no 1º ano de Mestrado e a aplicação prática. Sem dúvida que foi deveras aliciante aplicar muitos conhecimentos (que no ano teórico poderiam parecer algo enfadonhos), à nossa turma. O planear, o levar a cabo (realizar) e o avaliar, tendo sempre em conta factores como o que aprendemos na faculdade, os documentos fornecidos pela escola e departamento de E.F. e a especificidade da nossa turma. Agora sim percebo inteiramente, que o professor é um elemento extremamente importante na reedificação destes mesmos documentos. Pois apenas ele, sabe quais são as características únicas da sua turma. E é isso que torna o trabalho tão mais aliciante. Assim, não somos apenas um meio para transmitir conhecimentos, mas também um ser que tem que estudar, pensar, transmitir e no fim reflectir sobre tudo o que foi feito, para fazer possíveis alterações no futuro.

Ainda na área da intervenção pedagógica, aprendi a ser um professor multifacetado. Quero dizer com isto, que não só por tentativas que saberia que iam dar certo, mas também por outras em que arriscava para desenvolvimento próprio (“tentar, falhar e corrigir para depois, aprender”), experimentei várias estratégias de ensino. Queria com isso perceber qual a melhor maneira de actuar perante a minha turma e também perceber os meus pontos fortes e fracos no que diz respeito às técnicas de ensino usadas numa aula de E.F. Aprendi então a potenciar as minhas características individuais em função da turma que tinha. Posso dar um exemplo como: Sou uma pessoa que com desconhecidos prefere não dar o benefício da dúvida antes de confiar nessas mesmas pessoas. Então usei isso a meu favor de modo a fazer passar aos meus alunos uma imagem de sério e de pessoa que não atura comportamentos inadequados (imagem inicial muito importante), para mais tarde, quando já conhecesse os alunos, começar a dar confiança a quem merecia e que eles notassem que isso estava a acontecer.

Também muito importante para nós estagiários, foram as actividades que apresentámos à escola e seus alunos. Foram elas o Corta-Mato, o conjunto de sessões de Judo e Hip-Hop na Semana da Educação Física e o “Dia Aberto Na FCDEF-UC”. Considero que estas três actividades, apesar de serem todas diferentes, me permitiram

adquirir e desenvolver um conjunto de competências relativas à organização e participação mais activa na escola e nas relações com a comunidade. A organização deste tipo de iniciativas é de extrema importância, uma vez que, correctamente planeadas, organizadas e orientadas por objectivos válidos, podem favorecer o aproximar dos alunos e da comunidade, de uma forma geral, ao desporto e à prática de actividade física voltada para a saúde.

Para melhor conhecer a realidade concreta da turma, realizei o estudo da turma, que tem como nome “Caracterização de turma – 12º1C”. Esta caracterização incidiu sobre vários aspectos como a alimentação, a vida escolar, hábitos de higiene, deslocação para a escola, hábitos de repouso e tempos livres. Considero que este tipo de estudos tem uma importância acrescida para serem tomadas certas decisões educativas. Não só aprofundei o meu conhecimento sobre a minha turma, como também fui obrigado a aprender novas coisas. Entre elas, o modo de interagir com os meus alunos tendo sempre em vista as suas condições. É que até então, todos os contactos que tivemos a dar aulas, foram com pessoas do curso de Ciências do Desporto e neste caso, foi diferente pois devemos ter algum cuidado com as palavras que escolhemos nas nossas conversas extra-aulas com os alunos. Todos estes momentos poderão piorar ou melhorar a nossa relação com os mesmos. Também para a minha aprendizagem e porque faz parte do papel do educador estar sensível às diferenças inter e intra-individuais e saber adaptar o ensino a todas as variáveis, fiz a “Caracterização da Faixa Etária, onde estudei o desenvolvimento maturacional dos alunos, tendo em conta as idades. Salientamos ainda que a maioria dos nossos alunos se encontra na 2ª fase da puberdade. Contudo, tendo em conta o acima referido não me cingi somente à caracterização desta, mas também à da primeira.

## 5.2 - Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Da maior de todas as motivações (os alunos) há muito a dizer. Partilhar com os alunos momentos de aprendizagem foi, para mim, um enorme prazer e uma experiência única. Desde cedo que me apercebi que a turma que ia leccionar iria exigir muito de mim, o que considero bastante positivo, já que me conduziu a um trabalho mais árduo, arranjando mais soluções e alternativas para corresponder a todos.

A minha turma, ao longo do ano, tornou-se cada vez mais unida, mesmo tendo a maioria dos alunos vindo de escolas e turmas diferentes. Procurei, para além de transmitir e dotar os alunos de capacidades e competências ao nível da prática desportiva e da condição física, transmitir-lhes uma série de valores, atitudes e comportamentos, tentando ser, para além do professor, um educador e um amigo.

Para ser um bom exemplo, também nós temos que ser exemplares. É por isso que me comprometi antes de começarem as aulas, a ser assíduo (e fui), sempre pontual (nunca vacilei), e a preparar-me devidamente para desempenhar todos os cargos inerentes a este estágio pedagógico. Muito estudo, muita dedicação e também muita reflexão, para eu próprio ir evoluindo e ir melhorando o modo como ajudava os alunos na sua aprendizagem.

Motivei-os sempre e findo o ano com a certeza de que dei o meu melhor para o correcto desenvolvimento de cada aluno. Estes, por sua vez, contribuíram para o meu processo de formação de uma forma e com uma dimensão que nem eu próprio imaginaria. De facto, os meus alunos tiveram um papel de extrema importância na minha evolução como docente e como pessoa.

Outro aspecto importante a referir, é que a turma com a qual trabalhei foi um 12º ano. Este ano tem a característica especial de ser o último com Educação Física no plano de estudos. Ora isto acarreta outras responsabilidades aos alunos e a nós como professores. Mas como estou a falar nos nossos compromissos, vou então referir-me ao professor. Neste caso, mais do que nunca, o professor terá que implementar na turma um clima que leve os alunos a olhar para a Educação Física, não só como um modo de aprender as habilidades motoras, mas também como um meio de ganhar hábitos de vida saudável. E é aqui que o professor tem um papel muito importante. Pois sem a sua preciosa ajuda, muitos destes alunos vão finalizar o ano e nunca mais praticar nenhuma actividade física.

Gostava ainda de referir que uma das coisas que mais me marcou no ano de estágio, foi ter todos os alunos da turma a darem-me os parabéns e apresentarem-me uma surpresa. Surpresa esta que era uma apresentação digital, com uma história que eles criaram (texto e fotos) sobre “o nosso ano lectivo”. É algo que transportarei para sempre comigo. Nunca os esquecerei, pois eles foram, afinal de contas, os meus primeiros alunos, a minha primeira turma. Com este último parágrafo finalizo dizendo que não só eles aprenderam comigo e com o meu compromisso para os ensinar, mas também eu aprendi imenso com eles e a sua maneira de estar com a escola e a Educação Física.

### 5.3 - Inovação nas práticas pedagógicas

A primeira actividade (se é que lhe posso chamar assim) que desenvolvemos e que considero como uma inovação nas práticas pedagógicas era há muito um objectivo do Núcleo – o site do Núcleo de Estágio. Após termos delineado de forma muito cuidada a estrutura do mesmo, decidimos construí-lo e colocá-lo *on-line*. O seu lançamento ocorreu no dia 14 de Setembro de 2010 e teve, logo após as nossas aulas de apresentação muitas visitas. Foi impressionante o número de alunos e pessoas da escola que acorreram a visitá-lo. A ideia da concretização deste projecto tinha os seus alicerces na construção de uma “ponte” para os alunos de toda a escola, onde poderiam encontrar conteúdos, informações e curiosidades sobre desporto e Educação Física. Por outro lado, a elaboração do mesmo facilitava o contacto do Núcleo com a população geral, de uma forma mais global. Sem dúvida que foi uma iniciativa inovadora e reconhecida. A prová-lo estão alguns dos comentários realizados pelos seus visitantes:

*“De vocês apenas poderia e poderei esperar o melhor. Obrigado pela imagem de qualidade que estão a dar da nossa faculdade e, principalmente, de vocês. Nada se faz sem trabalho, mas isso só não chega. É preciso muita imaginação, criatividade, inspiração, inteligência e, sobretudo, entusiasmo e vontade de triunfar. Eu vislumbro isso tudo em vocês. Ide em frente. A luta e os desafios não são fáceis, mas, não baixem os braços. Um abraço e parabéns, D. C. - FCDEF-UC”*

*“Este site está à maneira pois assim as aulas já vão ser mais divertidas com todos estes nomes e descrições de músculos, etc..... E está adaptado com as aulas de Educação Física pois a cada modalidade que damos temos as regras ou os conteúdos*

*para poderem ser consultados neste site... assim é muito mais fácil... espero que continuem com o site. Beijinhos para todos ass: M. R. 12º IC.”*

Após estes feedbacks tão motivadores, só nos restava continuar a desenvolver a nossa página ao longo do ano e utilizá-lo sempre que possível para diferentes motivos (divulgação, afirmação, informação, etc.).

Outro aspecto considerado importante neste ano lectivo, foi o uso de *power points* ou outros ficheiros em formato digital, para ir apresentando às nossas turmas. Eles foram utilizados com intuítos bem definidos. São eles: a apresentação de imagens ou vídeos esclarecedores para melhor se perceber táticas ou técnicas específicas de algumas modalidades; motivação extra para os alunos pois íamos apresentando os conteúdos de formas diferentes (conversa, papel, computador, etc.); E também o facto de os alunos desta geração se identificarem muito com as novas tecnologias, torna-se importante apresentar-lhes trabalho feito através dos meios que eles gostam de conviver no dia-a-dia. Notou-se sem sombra de dúvida que os alunos ao verem uma boa apresentação em formato digital, conseguem muitas vezes deixar de lado a conversa entre colegas e estar mais atentos às nossas palavras. Basicamente procurámos recorrer às ferramentas que hoje em dia os alunos utilizam mais frequentemente para realizarem trabalhos relacionados com a educação física num ambiente em que se sintam confortáveis para encontrar os conhecimentos sobre a disciplina de educação física.

A inovação nem sempre quer dizer usar o mais moderno e actualizado. A inovação define-se como o “acto ou efeito de inovar; introdução de qualquer novidade na gestão ou no modo de fazer algo; mudança; renovação; criação de algo novo; descoberta. É por isso que além das novas tecnologias usadas nas nossas aulas, primámos por leccionar aulas dinâmicas onde o objectivo não se restringia ao ensino fechado das habilidades motoras das modalidades, mas também que soubéssemos que todos os alunos estavam a aprender com a motivação em alta. Para isso, pensámos em grupo quais as estratégias a adoptar para as nossas aulas. E ao longo do ano esses momentos reflectivos transformaram-se em momentos de uma incrível aprendizagem motivadora. Através de espaços bem utilizados, materiais alternativos correctamente seleccionados e palavras bem escolhidas, as aulas de Educação Física não foram apenas aulas de aprendizagem motora, mas também de exercitação cognitiva e desenvolvimento psico-social.

## **6. Dificuldades e necessidades de formação**

### **6.1 - Dificuldades sentidas e formas de resolução**

O estágio pedagógico é a etapa final no ciclo de estudos do nosso curso e por isso também é a última fase que a faculdade tem para avaliar os seus discentes. Mas, avaliações de lado, este é um ano que nós estagiários devemos olhar, como uma oportunidade de aplicar todos os nossos conhecimentos. É verdade que vamos errar muitas vezes, mas esses erros vão-nos ser muito úteis para evoluir no futuro.

É normal existirem muitas dificuldades no início do estágio. Mas para isso é que ele existe. Para com trabalho, dedicação e ajuda dos demais, ultrapassar essas mesmas dificuldades e tornar-nos depois profissionais aptos para entrar no mercado de trabalho.

A primeira dificuldade sentida surgiu logo nos primeiros dias e tem a ver com a adaptação à escola. Até esse momento, nós sempre entrámos num estabelecimento de ensino como estudantes e não como professores. Logo, a maneira como nos iríamos relacionar com os demais era sem dúvida diferente. Nesse ponto, tivemos a ajuda do nosso orientador, que nos deixou completamente à vontade e teve o cuidado de nos mostrar como funcionava cada secção da escola e pessoas que as envolviam.

Mais para a frente, após dar a primeira aula, surgiram outros tipos de dificuldades ligados à maneira de estar para com os nossos alunos. Cada pessoa tem a sua maneira de ser e tendo 26 alunos de início, teria que me habituar a 26 maneiras de ser diferentes. Uns que só “iam ao sítio” com um professor autoritário, outros que precisavam de motivação extra para realizar as tarefas devido às suas dificuldades notórias para a Educação Física, ou mesmo aqueles que precisavam de ser mais integrados na turma devido à sua timidez. Deparando-me então com esta dificuldade de eu próprio ter que mudar a minha maneira de estar ou de comunicar consoante os alunos que tinha, tive que parar e reflectir um bom bocado sobre qual a melhor maneira de lhes extrair o máximo de potencial para as minhas aulas. Conforme os dias iam passando, fui descobrindo novas estratégias de abordagem a estes mesmo alunos e aos poucos e poucos as dificuldades desapareceram. Os alunos mais mal comportados tiveram os castigos ou punições merecidas, os tímidos foram criando pontes de ligação com os colegas através de exercícios de cooperação e outros e, por fim, os alunos com mais dificuldades e com auto-estima baixa, foram-se empenhando cada vez mais por ter escolhido exercícios que aumentassem a sua taxa de sucesso.

Segunda Unidade Didáctica abordada – Basquetebol. Logo, nesta modalidade, me apercebi de uma dificuldade, inerente ao número de aulas da unidade – 12 sessões. Sendo tantas, os alunos desmotivavam facilmente, o que me levou a tomar certas medidas. Mais para o final da Unidade Didáctica comecei então, por leccionar duas matérias em simultâneo (Basquetebol e Corfebol), tentando sempre conjugar as duas no que diz respeito às aprendizagens a realizar. De facto, a solução encontrada pareceu ter dado resultado. Os alunos deixaram de se queixar, de dizer que era sempre a mesma modalidade, e começaram a gostar mais das aulas, notando-se pela sua presença activa no decorrer das mesmas.

Outro tipo de dificuldade foi a leccionação de modalidades com as quais nunca houve contacto. Foi o caso da Ginástica Acrobática. Para superar os medos e dificuldades iniciais, só havia uma solução, que era o estudo exaustivo sobre a modalidade e após já a conhecer bem, a preparação das aulas era fundamental. E quando digo preparação, estou a referir-me ao que esperamos dar, ao esperamos que aconteça e também ao que não contamos. Por isso devemos reflectir em todas as situações possíveis e imaginárias que se poderão dar nas nossas aulas. Se estes pontos forem preenchidos, então as dificuldades não vão ser sentidas.

Não só a reflexão sobre as minhas aulas serviram para evoluir no sentido da perfeição. As que observei dos meus colegas foram, de certeza, uma mais-valia para o meu desenvolvimento. Contrastei a minha actuação com a deles e discutimos opções, decisões e métodos. Do mesmo modo, as suas observações das minhas aulas, foram também bastante enriquecedoras, uma vez que, por vezes, viam as coisas de um ponto de vista diferente do Orientador, criando-se assim um clima óptimo para avaliarmos as minhas opções, de que forma me comportei e se estava ou não a evoluir. As aulas observadas pela Orientadora da faculdade foram igualmente muito instrutivas, uma vez que a opinião de alguém que não passa todos os dias connosco e que tem uma visão um pouco mais exterior, acaba por revelar certos pontos que ninguém do Núcleo por vezes refere.

Posso ainda falar nas dificuldades relativas à instrução, gestão clima e disciplina nas aulas. Quanto a estes aspectos, é normal sentir dificuldades principalmente no início do ano lectivo e mais tarde em momentos especiais do ano como: dar aula a seguir a um teste (principalmente de Matemática!), ser a última aula do período, etc. Mas

relativamente à evolução desde o início até ao fim do ano, posso dizer que à medida que vamos conhecendo as especificidades da nossa turma, vai também sendo mais fácil lidar com ela no que diz respeito aos domínios do processo de E-A. Quanto à instrução, a confiança de falar para uma turma tão grande foi aumentando pouco a pouco. E como fui conhecendo melhor a turma, também os feedbacks que usava eram mais individualizados tendo em conta as características de cada aluno. Da gestão, também só o tempo vai fazendo com que as dificuldades desapareçam. Com prática e mais prática, deixei de olhar tanto para o relógio, comecei a arranjar estratégias mais adequadas à turma para transitar entre tarefas e organizava os materiais e os alunos pelos espaços de uma forma cada vez mais inteligente. Quanto ao clima e à disciplina, tenho a dizer que nunca tive dificuldades de maior. Penso que isto se deve à minha maneira de estar perante as pessoas que ainda não me demonstraram o suficiente para lhes dar confiança (alunos no início do ano). Quis passar uma imagem de professor exigente e prestável. Com isto quero dizer que, ao mesmo tempo que queria que os alunos fizessem as coisas que mandava com a minha total autoridade, também queria dar a entender que estava disponível para qualquer questão que eles me quisessem colocar. Por um lado queria colocar a relação professor-aluno no devido lugar, onde o professor respeita e deve ser respeitado e os alunos deverão obedecer-lhe sem qualquer tipo de problema. Por outro também não queria passar a imagem de “mauzão” onde os alunos fazem o que lhes é pedido apenas porque têm medo das consequências. Resumidamente, queria ser um “líder não imposto” (liderança composta com mérito por reconhecimento dos alunos).

## 6.2 - Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua

“A formação continuada é um processo dinâmico por meio do qual, ao longo do tempo, um profissional vai adequando sua formação às exigências de sua actividade profissional” (Alarcão I. 1998).

O estágio pedagógico é sem dúvida para nós estagiários a fase mais importante de todo o ciclo de estudos. É nele que aplicámos todos os nossos conhecimentos teóricos aprendidos em anos anteriores e onde podemos experimentar, arriscar, errar, corrigir e melhorar. Mas, mesmo sendo este estágio de um ano tão completo a nível de aplicação de conhecimentos aprendidos, também ele possui algumas lacunas por preencher. Uma delas é a nível dos cargos além de professor que podemos um dia vir a ter que desempenhar. No meu caso, apenas acompanhei o coordenador do Desporto Escolar para contar para a minha avaliação do Mestrado. E apesar de em muitos dos nossos dias, ter sido necessário aprender outras coisas relativas a outros cargos (exemplo: director de turma, orientador de estágio, etc.), sabemos que muitos outros ficaram por descobrir. Por isso, esta é a primeira dificuldade que enuncio dentro de todas as que necessitam de estudo ou formação posterior ao estágio.

Outro caso a ter em conta para o nosso futuro como professores, é o confronto com outros tipos de turma. A verdade, é que neste ano apenas demos aulas a uma turma e observámos outras 4 (dos nossos colegas estagiários e do nosso orientador). E quando chegar aquele dia que vamos leccionar em escolas com realidades completamente diferentes? Com alunos de meios mais complicados; alunos de meios mais isolados; ou mesmo alunos de meios mais elitistas? E quando chegar o dia, que vamos leccionar as nossas aulas a turmas com alunos de idades muito diferentes dos deste ano? Nós demos ao 11º e 12º (núcleo de estágio). E se dermos a um 5º e 6º? São então estas, outro tipo de dificuldades que vamos ter que confrontar um dia e que por mais estudo e formação para esse momento, somente quando a altura chegar é que vamos sentir as dificuldades específicas advindas dessas turmas e desses alunos.

Posso ainda falar de outro tipo de dificuldades a resolver no futuro que têm a ver com as modalidades a leccionar. Como é normal, nós não somos perfeitos na execução prática de todas as modalidades. Por isso, é normal aparecer um dia uma modalidade que temos que leccionar e que não nos sentimos verdadeiramente à vontade com ela. Uma coisa é obrigatória, que é a preparação prévia da componente teórica. Já no caso da

prática, deveremos ir treinando as nossas habilidades e enquanto não chegar a altura em que nos consideramos bons exemplos, deveremos usar outras estratégias de ensino (exemplo: dizer a um aluno para demonstrar).

Para finalizar, também tenho a falar nas supostas dificuldades que poderemos sentir ao aplicar diferentes tipos de classificação às nossas turmas em escolas distintas. Como se sabe, cada escola tem o direito de escolher as ponderações dadas para cada domínio de avaliação (psico-motora, cognitiva e sócio-afectivo). Ora, como nos habituámos a trabalhar com certas ponderações neste ano de estágio, poderemos vir a sentir dificuldades a trabalhar com valores diferentes. Tudo isto, porque ao aplicar percentagens de avaliação diferentes, também o nosso modo de actuar perante a turma pode não ser igual. Fica aqui um exemplo que retrata bem esta situação:

O professor deverá sempre no início do ano mostrar os critérios de avaliação aos seus alunos. Estes ao depararem-se com algumas ponderações poderão fazer as suas contas para ver onde têm que se aplicar mais, ou menos. Nestes casos, o professor terá que arranjar estratégias diferentes para cada aluno, de modo a levá-lo a aplicar-se mais nas aulas.

## 7. Ética profissional

### 7.1 - Capacidade de iniciativa e responsabilidade

*“O "talvez" de Montaigne é útil ao filósofo,  
todavia convém mais ao chefe o sim ou o não.”*

(Dautry, Métier d'homme)

Aproveitando a citação de Dautry, é fácil de perceber que a capacidade de iniciativa aparece-nos pelas pessoas com coragem de decisão. Não é através de “talvez isto, ou talvez aquilo” que desenvolvemos as nossas ideias ou elaboramos os nossos projectos.

Ao longo deste ano lectivo surgiram muitas situações, que apenas os estagiários com capacidade de iniciativa, desenvolveram certas competências de professor de Educação Física importantes para a nossa profissão. Falemos do exemplo do nosso Orientador de estágio. Ele é para nós o chefe da nossa empresa. Ou seja, cada estagiário possui um cargo por desempenhar (todo o trabalho inerente ao ano de estágio), mas teremos sempre que prestar contas ao nosso chefe por cada acção que fizermos. O nosso chefe, apenas ficará contente com aqueles que demonstrarem trabalho. E o trabalho é feito através de decisões e nunca através de indecisões. É por isso que e aproveitando outra vez a frase de Dautry, não convém ao nosso Orientador os “talvez”. Nós como estagiários, temos a obrigação de apresentar trabalho bem elaborado e bem definido. Temos que propor aulas bem pensadas e nunca arrancar com dúvidas para a realização das mesmas.

A capacidade de iniciativa também pode ser vista como a vontade do estagiário preparar-se devidamente antes de realizar as suas tarefas, estudando, procurando ao orientador por orientações, reflectindo e no final e mais importante que tudo, decidindo!

Outro ponto onde podemos encontrar a capacidade de iniciativa é no trabalho de grupo. Geralmente, são os líderes que a demonstram com mais clareza. Um bom líder, saberá usar o potencial de cada companheiro de trabalho e potenciá-lo ao máximo para levar o grupo ao sucesso. Quanto a mim, vejo-me como um líder democrático. Gosto da minha capacidade de iniciativa no sentido que dou várias ideias e puxo pelos meus companheiros para o trabalho. Ao chamar-me democrático, é porque considero que sou uma pessoa que não impõe as suas ideias sem primeiro ouvir bem a dos outros.

Considero o melhor líder, aquele que aproveita a sua iniciativa de trabalho e conjuga-a com as dos outros para o resultado final ser o melhor possível.

Falta agora falar da responsabilidade. A noção de responsabilidade está intimamente ligada com a de autoridade. Não existe uma sem a outra. Ao começarmos a desempenhar o cargo de professor, automaticamente somos colocados numa posição de autoridade perante muitos sujeitos (exemplo: alunos). Mas esta autoridade não poderá existir sem responsabilidade. Porque autoridade sem responsabilidade é um absurdo. A autoridade deverá aumentar sempre em sintonia com a responsabilidade do cargo.

Para sermos considerados de profissionais responsáveis, teremos que nos comprometer a ser coerentes e consistentes em vários pontos relativos ao cargo que desempenhamos. No caso do professor, devemos comprometermos a apresentar trabalho sempre bem preparado e reflectido; a ser assíduos e pontuais; ambicionar sempre ao sucesso do nosso trabalho e conseqüentemente a quem nos rodeia (alunos, escola, comunidade). Já eu, devido à minha educação sólida, baseada em bons valores morais, cumpri este ano como professor estagiário levando a cabo todas as responsabilidades inerentes ao cargo ao mais alto nível.

## 7.2 - Importância do trabalho individual e de grupo

*"Duas Cabeças Pensam Melhor do Que Uma"*  
(Dito popular antigo de origem desconhecida)

Como estagiários pertencentes a um núcleo de estágio de uma escola, deveremos sempre apoiar-nos nas decisões de grupo. É claro que cada um tem o seu modo de ver as coisas. Mas isso não deve ser o factor decisivo para a reflexão sobre algo. Ou seja, devemos sempre ouvir o que os outros têm a dizer e depois construirmos as nossas ideias juntando ao que já acreditávamos. E por isso o trabalho de equipa é visto como factor determinante de levar trabalhos a bom porto.

Mas, além do trabalho de equipa, existirá sempre o trabalho individual. No caso do estagiário, após as reuniões com o seu núcleo da escola, deverá sempre fazer as suas reflexões individuais e adaptá-las à especificidade das suas tarefas a desempenhar. Como o estagiário tem uma turma a seu cargo, deverá então estudar, preparar e reflectir muitas vezes sozinho, pois apenas ele sabe as especificidades da sua turma. É claro que poderá sempre juntar-se com os seus colegas para discutir dúvidas, mas um dia ele será

um profissional que por muito que nos custe aceitar, trabalhará isolado dos outros professores. Quanto ao isolamento e conseqüente falta de comunicação entre os professores da mesma área curricular já é outro assunto que não iremos aqui debater. Mas o que se pretender dar aqui a conhecer, é que nem sempre poderemos contar com a ajuda dos outros. E por isso é importante saber trabalhar sozinho não dependendo sempre de ajudas externas.

Voltando ao trabalho de equipa... é sempre essencial quando existe mais que uma pessoa envolvida num trabalho. Por isso, é importante conhecer os pontos fortes e fracos das pessoas com quem trabalhamos. Caso isso não seja possível, devemos sempre falar intra-grupo de trabalho, para cada um dizer onde se sente mais à vontade.

Sinceridade, dedicação e gosto pelo que se faz. Para mim é a receita para o sucesso. Quanto à dedicação não é preciso explicar. O gostar do que se faz nem sempre é possível, pois muitas vezes teremos que fazer coisas que não nos agradam. Quanto à sinceridade, considero muito importante. Isto, porque é através dela que rapidamente ficamos a conhecer o grupo onde trabalhamos. Tomemos como exemplo o alguém que não se sinta à vontade para ficar com a tarefa de realizar algo sozinho. Então deve dizer isso em grupo sem qualquer medo devido ao orgulho ou outro factor. Se tomarmos uma atitude humilde e sincera, poderemos ajudar-nos uns aos outros e assim tudo correrá pelo melhor.

A capacidade de iniciativa também é fundamental nos trabalhos de grupo. Sem nos alongarmos, pois já se falou dela no tópico anterior, fica apenas aqui, que sem esta capacidade, o grupo não sai do sítio. Ela é o factor que faz mover todos os recursos de cada indivíduo no grupo de trabalho.

Trabalho a tempo e horas. Ou seja, todas as tarefas devem ser bem pensadas e planeadas previamente. Caso isto aconteça, dificilmente aparecerão contrariedades que ponham em causa o evento. Se essas causas eventualmente aparecerem, podemos estar de consciência tranquila pois fizemos tudo dentro do possível para uma boa actividade.

## 8. Questões dilemáticas

Apesar de todas as tentativas de uniformizar todos os programas, critérios e parâmetros de avaliação ou de outro tema qualquer, haverão sempre discordâncias entre governos, direcções regionais, agrupamentos, escolas, departamentos de escolas e professores. E a justificação é muito simples. Tudo varia em função dos alunos. Os alunos serão sempre diferentes consoante a zona em que trabalhamos. E são diferentes porque a comunidade que os rodeia varia de local para local.

Sendo assim, passo agora às questões dilemáticas que nos deram muito que pensar este ano ao nosso núcleo de estágio e a nós estagiários em individual. Começo por falar nos programas nacionais e a sua adequabilidade às nossas turmas em função da escola em que trabalhamos. Observemos então a minha visão individual em relação às modalidades que leccionámos este ano como núcleo estágio:

Futebol: Descrição confusa dos conteúdos; Não refere princípios de jogo de nível avançado; É pouco realista quando refere o 7x7 e o 11x11, não acreditamos que os alunos possuam um nível de jogo e um nível cognitivo suficientemente desenvolvido para compreender a complexidade desta organização; Terminologia nada específica que demonstra um ponto de vista do telespectador, dando a sensação de que quem fez o programa não domina perfeitamente o assunto. Compensações, dobras e tabelinhas deviam ser substituídos por equilíbrio defensivo, cobertura defensiva e cobertura ofensiva respectivamente.

Voleibol: No seu geral não apresenta erros de terminologia; Na abordagem metodológica não compreendemos até que ponto o 4x4 será mais benéfico que outro esquema. (porque não 3x3); Não refere a execução de jogo por 3 toques por equipa, que seria o mínimo para o 4x4 referido.

Basquetebol: O 5x5 é objectivo último de jogo; Tirando o facto anterior, os conteúdos parecem-nos adequados.

Andebol: Até que ponto as dimensões 32mx18m é considerado como campo reduzido quando tem quase as medidas regulamentares e quando refere a situação de jogo 5x5 para esse espaço; Não faz qualquer referência em relação ao ataque organizado através do meio táctico de grupo de penetrações sucessivas, básico de um nível inicial; Não faz referência a relação do atacante com o impar.

Ginástica de aparelhos: Não sei até que ponto os exercícios com o plinto colocado longitudinalmente serão exequíveis. Terminologia desadequada (ex: cambalhota, pino, volta de barriga – rolo?).

Ginástica de acrobática: Concordo no geral com o programa que se apresenta de forma simples.

Ténis: Concordo no geral com o programa que se apresenta de forma simples, apelando a conteúdos básicos adequados ao nível elementar de 10º ano; Quantas escolas têm possibilidades de abordagem desta modalidade?

Corfebol: Para um 11º e 12º um jogo demasiado básico, baseado em desmarcações e cuja única dificuldade residirá na concretização do lançamento.

Outras modalidades: Relativamente às modalidades de hóquei em campo, natação e orientação os programas são simples e acessíveis desde que existam as condições para a sua execução.

A segunda questão dilemática tem a ver com as rotações dos espaços desportivos. Quando chegámos à escola, deparámo-nos com um mapa de rotações de espaços, elaborado por pessoas não ligadas à disciplina de E.F. onde o único objectivo deles era encaixar as turmas nos devidos espaços disponíveis, olhando para as horas das outras disciplinas. Ora isto implica muitos problemas para nós professores e principalmente para os nossos alunos. Todos sabemos que a construção de um planeamento anual, onde as modalidades que podem possuir transferes entre elas, deverá seguir um processo de continuidade. Ou seja, devemos leccionar as modalidades do ano lectivo, nos momentos em que achamos que podem ser mais potenciadas a nível da aprendizagem. Colocar a modalidade seguinte de modo a que possa receber transferes da anterior e assim dar continuidade ao processo de E-A com maior eficácia. Mas, neste caso concreto que falei, não nos foi possível, pois não controlamos os espaços em que vamos dar as nossas aulas em momento nenhum do ano. O máximo que podíamos fazer, era falar entre professores da área curricular de E.F. e combinar algumas trocas durante o ano.

Para o terceiro dilema, apresentamos a seguinte questão: No caso de as condições meteorológicas não permitirem a prática desportiva no espaço determinado ao ar livre, que deveremos fazer? Será prioritário levar os alunos para um coberto, mesmo que este espaço seja mínimo e aí fazer alguns exercícios (sabendo que para a

aprendizagem da modalidade não vai ajudar grande coisa)? Talvez seja melhor ir para uma sala de aula e apresentar conteúdos teóricos acerca da modalidade? Como opinião pessoal, eu olho para este assunto de diferentes maneiras. Tudo depende da turma e alunos que temos à frente. Temos um exemplo de uma turma com muitas dificuldades do foro técnico e tático. Por vezes, antes de avançar para a prática, é importante que eles percebem bem o que vão fazer. E para isso, nada melhor que uns vídeos explicativos num ambiente calmo como é o da sala de aula. Mas também existem outros casos, como é o daqueles alunos que conhecem bem o objectivo da modalidade, não têm problemas com a prática da mesma, então porque não criar exercícios desafiantes para estes mesmo que o espaço seja mínimo? Não ganharemos nada em mantê-los fechados numa sala de aula, por isso “é fazê-los correr”.

Outra questão dilemática advinda deste ano lectivo é relativa às ponderações dadas aos diferentes critérios de avaliação na escola onde trabalhamos. No nosso caso, tínhamos 85% para o domínio Psico-motor, 10% para o Cognitivo e apenas 5% para o Sócio-afectivo. Considerando obrigação, o mostrar aos nossos alunos os critérios no início do ano, é-nos difícil arranjar estratégias que façam com que os alunos mais desinteressados da E.F. se empenhem e sejam assíduos. Isto porque dentro dos 5%, apenas 1% corresponde ao empenho e 2% à assiduidade/pontualidade (os outros 3% distribuem-se em autonomia, e relações inter-pessoais). Sabemos que existem diversas estratégias para motivar os alunos para as nossas aulas, mas neste caso, a pressão sobre o aluno, dizendo que se não se empenhar a nota piora, fica logo posta de parte. Pois os alunos podem ser desinteressados, mas não são “burros”.

Outro ponto a mostrar aqui, é a decisão do departamento de E.F. em relação ao modo de avaliação (carácter contínuo ou não). Numa reunião no início do ano lectivo decidiu-se que a avaliação deveria ser de carácter contínuo e que cada período contabilizasse 33,3% da nota final. É mesmo aqui onde surge o problema. Como o 3º período foi muito curto e apenas deu para leccionar uma modalidade, esta mesma modalidade acabou por contar muito mais que as restantes para a nota final. Isto trouxe um sentido de injustiça a muitos dos alunos pois tinham mais dificuldades na última modalidade, enquanto outros acabaram por ser beneficiados por se sentirem à vontade nesta matéria. A meu ver, o carácter contínuo tem as suas vantagens como a interligação de toda a matéria ao longo do ano, o que faz com que o professor perceba a

evolução do aluno do início ao fim do ano. Enquanto o tipo de avaliação segregado em blocos de Unidades Didáticas acaba por não favorecer o processo de evolução do aluno ao longo do ano, visto que este é avaliado separadamente em cada modalidade. Penso que o melhor, é estudar caso a caso. Devemos reunir com todos os professores da área curricular e decidir em função das aulas por período e do número de sessões para cada modalidade.

Falemos agora de como a avaliação foi tratada na nossa escola. Passo a explicar: na nossa escola, através das fichas de avaliação criadas pelo departamento de E.F. apenas tínhamos 4 níveis. E todos eles virados para as componentes tácticas de cada modalidade quase sem referir a qualidade dos gestos técnicos. Será que assim conseguimos aferir o verdadeiro nível do aluno dentro da turma? Não nos parece. É por isso que em muitos casos, fomos forçados a melhorar estas mesmas fichas ou simplesmente criando outras novas. Com esta acção, acabámos por entrar noutra problema, que é o de diferenciação de avaliações entre professores do mesmo departamento. É por isso que todos estes documentos devem sempre ser revistos no início do ano lectivo por todos os professores da mesma área curricular para não surgirem situações destas.

Para finalizar, vou abordar uma questão já muito antiga que tem a ver com as alterações das notas em conselhos de turma (quase sempre para notas superiores). Até que ponto estaremos a beneficiar os alunos das nossas turmas comparando às outras todas espalhadas pelo país? Isto foi sem dúvida uma prática que se instalou em todas as escolas e não se deveria concordar por nada. Todos pensam que se uma escola faz, então vamos também nós fazermos para não prejudicar ninguém. O problema é que uns fazem e outros não. Para uniformizar estes acontecimentos em todas as escolas e ter assim a certeza que as notas eram dadas de uma forma mais justa, o conselho de turma nunca poderia ter o poder de alterar a nota, alegando argumentos como estes: discrepância de notas entre disciplinas; aluno mostrou competências de trabalhador e empenhado ao longo do ano. E porque não? Porque as notas são dadas em função dos critérios de avaliação e nesses critérios já está implícita a componente sócio-afectiva do aluno. Quanto à discrepância, considero absurdo subirem uma nota olhando a este factor. Cada disciplina tem a sua especificidade.

## 9. Conclusões referentes à formação inicial

### 9.1 - Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

#### O RESTO DO MUNDO

O Grupo de Educação Física sempre trabalhou em estreita colaboração com o Núcleo. Por um lado, o Núcleo participou na organização das actividades do Grupo e teve a sua participação em todas elas. Por outro lado, o Grupo ajudou em todas as actividades organizadas por nós, tendo tido, em algumas delas, como foi o caso do Corta-Mato, um papel importante, uma vez que, devido apenas à sua colaboração, este se tornou possível.

No Grupo de Educação Física sempre reinou a boa disposição e um espírito sempre muito aberto por parte de quem o constituía. É de lamentar que de um grupo de 14 professores, nem todos tenham tido um papel activo, nem tenham demonstrado uma vontade de querer colaborar. Julgo que muitos dos problemas que têm afectado o ensino, de uma forma geral, e a disciplina de Educação Física, de uma forma particular, estão, sem dúvida alguma, associados à postura e à atitude por parte de alguns docentes. Olho para estes profissionais com preocupação e apenas surge uma certeza – eu não vou ser como eles. Quero ser um profissional exemplar e dedicado, que luta em prol de uma educação justa e consistente e por um sistema de ensino com cada vez mais qualidade e prestígio.

Relativamente aos professores das outras disciplinas, uma vez que tinha uma única turma, o tempo que passava na escola era relativamente pouco, pelo que apenas conheci, de uma forma mais próxima, cinco professores. Considero que, inicialmente, existiu uma ligeira barreira no relacionamento com outros colegas, talvez devido à diferença etária, uma vez que o quadro de professores da ESAB possui docentes com muitos anos de carreira. Contudo, o relacionamento que mantive com alguns deles foi extremamente saudável e cordial.

Gostava de salientar a Prof. Selda Andrade, Directora da Turma do 12º 1C. Com ela tive a possibilidade de seguir algum do trabalho da responsabilidade da Direcção de Turma, assim como, perceber alguns dos problemas da turma e dos alunos, mesmo sabido que o meu trabalho de assessoria estava ligado à coordenação do desporto escolar.

Quanto aos funcionários da ESAB, uma palavra apenas – espectaculares. Receberam-nos de braços abertos e com muita atenção. Sempre muito preocupados com os elementos do Núcleo, procuravam, em todos os momentos, agradecer e fazer algo para que nos sentíssemos bem. Nunca esquecerei pessoas como a D. Isabel, funcionária do pavilhão, o Sr. Manuel que era o chefe de instalações e que estavam sempre disponíveis para ajudar.

Por último, os elementos do Conselho Executivo, que apesar de terem autorizado todas as actividades do núcleo de estágio, apresentaram várias renitências em ajudar o Grupo de E.F. da ESAB para outros assuntos. E aí eu sou sempre uma pessoa que não gosta de “engolir sapos”. Ou seja, aceito decisões quando são bem fundamentadas, mas quando noto que são feitas através de problemas inter-professores tenho sempre algo a dizer.

Segundo Mota (1997), o processo educativo é o resultado de uma interacção entre dois sujeitos distintos, o professor e o aluno. Contudo, o mesmo refere ainda, que não podemos esquecer, porém, as influências crescentes e marcantes que o meio extra-escolar desenvolve, hoje em dia, neste processo. No entanto, a maior parte das vezes as relações entre a comunidade e a escola, parecem-se cingir unicamente às reuniões da escola com os Encarregados de Educação. É muito importante conseguir fazer passar para a comunidade, o papel desenvolvido pelo docente de Educação Física com os alunos. Obviamente, esta dinâmica não deverá ter apenas um sentido, sendo igualmente necessário conhecer as potencialidades da comunidade e da escola, de forma a promover realizações de relevância educativa para os alunos.

A elaboração do *website* do Núcleo de Estágio, referido no tópico da **inovação das práticas pedagógicas**, tem também nesta área um papel de enorme importância, pois a sua divulgação permite que toda a comunidade escolar, bem como pessoas ligadas ao mundo da educação física e do desporto e população em geral, possam tomar contacto com o trabalho desenvolvido pelo Núcleo.

Para finalizar, falta apenas referir o como o núcleo de estágio de E.F. “avivou” a escola. Sem dúvida que uma escola ganha muito com os núcleos de estágio. Eles, não apenas por estarem a ser avaliados, mas também por trazerem ideias novas e frescas para implementar, animam em muito a escola onde trabalham. As actividades que

realizam; as massas (alunos principalmente) que movem; e a alegria e dedicação com que o fazem, são sem dúvida uma receita positiva para mexer com a realidade escolar.

## 9.2 - Prática pedagógica supervisionada

### O MUNDO À MINHA VOLTA E EU...

*“Recompensa com uma fonte inesgotável  
quem te presenteou com uma gota de água”*

(Provérbio Chinês)

De facto, adorava poder recompensar com “uma fonte inesgotável”, todos aqueles que neste ano me presentearam “com uma gota de água”, enchendo a garrafa da minha vida de ensinamentos, opiniões, competência, dedicação, profissionalismo, mas também e acima de tudo muita amizade.

### O ORIENTADOR

Para que o processo de formação tenha uma continuidade exequível é de todo essencial o trabalho e apoio que me tem sido facultado pelo orientador de estágio. De facto, tenho uma opinião formada bastante positiva em relação ao Professor António Miranda, pois pelo que pude vivenciar, posso dizer que foi um ano de enriquecedoras aprendizagens. A verdade é que não houve facilidades, ou seja, o professor tem um perfil de pessoa exigente e de difícil satisfação. Tal é óptimo, pois eu gosto que exijam de mim e, neste caso, a exigência foi sempre compensada com um sem número de correcções, sugestões e opiniões que me ajudaram na concretização de certos objectivos e parâmetros. Julgo que outro ponto bastante importante é o facto de o orientador já ter alguns anos de experiência na orientação de estágios pedagógicos o que explica, de certa forma, o conhecimento demonstrado e a facilidade na formulação e execução de certas orientações.

### A ORIENTADORA DA FCDEF-UC

Com perfil de pessoa exigente, também nunca deixou de nos presentear com as suas opiniões e reflexões conjuntas, que de pobres e medíocres nada têm. A Prof. Elsa Silva revelou-se, de forma progressiva, uma pessoa muito preocupada e interessada com o correcto evoluir do estudante-estagiário, orientando a sua acção para que este caminhasse em direcção à excelência. Serviu como elo de ligação entre a escola e a faculdade, nunca deixando que estes dois pólos se desligassem. O seu papel, em todo o

meu trabalho, foi muito importante, visto ter acrescentado, em todas as ocasiões, algo mais ao meu processo de formação. Não posso ainda deixar de referir a excelente colaboração que o Núcleo manteve com a Prof. Elsa e o sincronismo que ambos alcançaram, devido à receptividade, compreensão e total disponibilidade da Orientadora para connosco.

### **EU E ELES**

Como já tinha referido, tanto o Orientador da escola como a Orientadora da faculdade, foram elementos fundamentais para o meu desenvolvimento como professor estagiário. Mas falta agora falar no modo como eu ouvi e aceitei o que cada um me dizia em relação ao nosso trabalho. Se eu os ouvi? Ouvi. Se eu aceitei? Aceitei. Se eu alterei? Sim, também alterei. Qual o resultado final? O resultado final, que se traduziu em todas as minhas acções durante o estágio, advém de uma mescla de pensamentos cruzados entre mim, o Orientador da escola e a Orientadora da faculdade. Sim eu ouvi-os e aceitei tudo o que eles me transmitiram, mas cada um tem a sua maneira de pensar, estar e actuar para com os seus alunos. Logo, a minha acção aparece através da ajuda externa (orientadores) com um toque individual (eu).

### **9.3 - Experiência pessoal e profissional**

*O Decreto Regulamentar n.º 2/2008* de 10 de Janeiro refere que o modelo de avaliação de desempenho docente visa a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das aprendizagens, visa proporcionar orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional no quadro de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência, pretende identificar o potencial de evolução e desenvolvimento profissional do docente e diagnosticar as respectivas necessidades de formação.

A realização de actividades e tarefas, como meio de desenvolver a competência profissional, carece de qualquer sentido, se não estiver implícito à sua concretização, uma atitude reflexiva contínua e persistente. A necessidade do acompanhamento, das acções tomadas pelo docente ao longo da sua formação, por uma postura reflexiva, justifica-se pela importância de não deixar conduzir a sua actuação para um condição de inércia, falta de empenho e despreocupação. É neste contexto, que se justifica a realização de tarefas desta área tais como: o projecto de formação individual e o relatório crítico final.

O **projecto de formação individual**, surgiu no sentido de potenciar as minhas capacidades e suprimir as minhas dificuldades, partindo da compreensão das mesmas, da instituição escolar e do seu plano curricular, do projecto educativo e dos programas de Educação Física.

O grande espaço de reflexão relativo a todo o ano de estágio estará patente na elaboração do **relatório final**. Este documento realizado num único momento, consiste num explanar de ideias, conclusões e reflexões, as quais não estão circunscritas apenas a esse espaço temporal. Logo, o relatório final resumiu-se, a uma síntese da reflexão que se depreende contínua.

Assim sendo, procurarei e vou continuar a procurar actualizar constantemente a minha bagagem pedagógica e os meus conhecimentos nas mais diversas áreas do ensino, pela participação em acções de formação e pela consulta e pesquisa literária, procurando gerir da melhor forma a persecução deste objectivo.

Convicto de que esta área requer um trabalho constante, a mesma espero que me conduza na direcção da aquisição de um conhecimento vasto nas diversas matérias de ensino e nas condicionantes do sistema educativo.

## 10. PARA LÁ DO FUTURO...

*“Ainda que os teus passos pareçam inúteis, vai abrindo caminhos,  
como a água que desce cantando da montanha. Outros te seguirão...”*

(Saint-Exupéry)

E agora? Cheguei até aqui. O que será que se segue? Não sei, mas apenas posso almejar o bom e o melhor. Depois da experiência deste ano, sinto-me de facto preparado para ir à luta, para entrar no mundo do trabalho, para me tornar num profissional à imagem do que considero ser um professor exemplar. Desejo, de uma forma muito intensa, agora que estou a terminar o curso, poder vir dar aulas porque, de facto, é aquilo que neste momento mais me realiza. Apesar de ter a noção de tal desejo, será difícil o seu alcance no ensino público. No entanto, gostava de ter uma oportunidade nem que fosse no ensino privado.

Sei que o caminho a percorrer não é fácil. Contudo, se este assim o fosse, não tinha a mesma graça nem o mesmo carisma desafiador. Quem me conhece, sabe o quanto eu gosto de lutar para vencer. Quem me conhece, sabe o quanto eu me empenho para superar obstáculos. Ao fim e ao cabo, a vida é isso mesmo, um grande desafio. Só aqueles que nela persistem e lutam, vão um dia sentir-se realizados.

Não posso esquecer que, para progredir neste caminho acidentado da vida, tenho que estar muito atento às dificuldades, e nunca deixar de colher as amoras silvestres, que me dão a energia suficiente para continuar, e de beber a água dos rios, que me dá lucidez para brilhar.

Deixo um poema que retrata a forma como encaro o futuro:

*Quando partires, em direcção a Ítaca,  
que a tua jornada seja longa  
repleta de aventuras, plena de conhecimento.*

*Espero que a tua estrada seja longa.  
Que sejam muitas as manhãs de Verão,  
que o prazer de ver os primeiros portos  
traga alegria nunca vista.  
Procura visitar os empórios da Fenícia  
recolhe o que há de melhor.  
Vai às cidades do Egipto,  
aprende com um povo que tem tanto a ensinar.*

*Não percas Ítaca de vista,  
pois chegar lá é o teu destino.  
Mas não apresses os teus passos;  
é melhor que a jornada dure muito anos  
e o teu barco só ancore na ilha  
quando já estiveres enriquecido  
com o que conhecestes no caminho.*

*Não esperes que Ítaca te dê mais riquezas.  
Ítaca já te deu uma bela viagem;  
sem Ítaca, jamais terias partido.  
Ela já te deu tudo, e nada mais te pode dar.*

*Se, no final, achares que Ítaca é pobre,  
não penses que ela te enganou.  
Porque te tornaste um sábio, viveste uma vida intensa,  
e este é o significado de Ítaca.*

Konstantinos Kavafis (1863-1933)

E outro de como encaro o amanhã...

*Que é o que foi?*

*- O mesmo que há de ser...*

*A vida é como o passo igual dum boi*

*Que vem dos campos ao anoitecer;*

*Com o seu lento e resignado aspeito,*

*Andou um passo, e logo um outro dá.*

*Tudo quanto foi feito*

*De novo se fará...*

Augusto Gil (1873-1929)

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, ISABEL (1998). *Formação continuada como instrumento de profissionalização docente*. Em Veiga, I. (org.) Caminhos da Profissionalização do Magistério. S. Paulo: Papyrus Editora;
- BENTO, J.O. (1987). *Desporto: matéria de ensino*. Lisboa: Caminho;
- BENTO, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Edições Livros Horizonte. Lisboa;
- CARREIRO DA COSTA, F. A. A. *O Sucesso Pedagógico em Educação Física*. Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana/Universidade Técnica de Lisboa; 1988. Tese de Doutoramento;
- Guia de estágio MEEFFBS 2010/2011;
- MOTA, R. (1997). *A Educação Física e o Desporto Escolar*. Revista Horizonte. Vol. XII, nº 16 Março – Abril;
- PIÉRON, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana;
- RIBEIRO, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*, Coleção “Educação Hoje”. Lisboa: Texto Editora;
- SIEDENTOP, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mayfield: Palo Alto;
- SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. INDE;
- **Legislação Consultada:** Despacho normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro.